

ELIAS WOLFF*

A DIMENSÃO ECUMÊNICA DAS REFORMAS ECLESIAIS NO ENSINO DE FRANCISCO. BALANÇO PROVISÓRIO E PERSPECTIVAS

Fecha de recepción: 28 de noviembre de 2022

Fecha de aceptación: 08 de febrero de 2023

RESUMO: O magistério do Papa Francisco revigora o processo de recepção do Vaticano II por iniciativas de reformas na Igreja, o redimensionamento da mentalidade teológica, a afirmação da sinodalidade, um novo modo de exercer o ministério petrino, entre outros. Isso acontece no esforço de uma Igreja «em saída» numa perspectiva missionária e no diálogo com as culturas, Igrejas e religiões. O objetivo deste artigo é verificar as implicações ecumênicas dessas propostas. O método é a análise qualitativa de documentos e pronunciamentos nos quais o papa expressa, explícita ou implicitamente, a convicção ecumênica conciliar. A conclusão é que o ecumenismo é uma clara opção no magistério de Francisco e em suas iniciativas de reformas na Igreja. Embora ele não tenha, por ora, trabalhado questões doutrinárias em perspectiva ecumênica, cria uma nova situação eclesial que favorece para o diálogo doutrinal entre as diferentes Igrejas.

PALAVRAS-CHAVE: Papa Francisco; Igreja; Vaticano II; reforma; sinodalidade; ecumenismo.

* Pontifícia Universidade Católica do Paraná: elias.wolff@pucpr.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2479-2340>

The Ecumenical Dimension of Ecclesial Reforms in Francisco's Teaching. Provisional Balance Sheet and Perspectives

ABSTRACT: The magisterium of Pope Francis reinvigorates the process of reception of Vatican II through initiatives of reforms in the Church, the resizing of the theological mentality, the affirmation of synodality, a new way of exercising the Petrine ministry, among others. This happens in the effort of an «outgoing» Church in a missionary perspective and in the dialogue with cultures, Churches and religions. The purpose of this article is to verify the ecumenical implications of these proposals. The method is the qualitative analysis of documents and pronouncements in which the pope expresses, explicitly or implicitly, the conciliar ecumenical conviction. The conclusion is that ecumenism is a clear option in Francis' magisterium and in his Church reform initiatives. Although he has not, until now, worked on doctrinal issues from an ecumenical perspective, he creates a new ecclesial situation that favors doctrinal dialogue between the different Churches.

KEY WORDS: Pope Francis; Church; Vatican II; reform; synodality; ecumenism.

1. INTRODUÇÃO

O ecumenismo é uma das propostas mais inovadoras do Vaticano II e um dos seus principais objetivos (UR 1; SC 1). E disposto a revigorar a recepção conciliar, o Papa Francisco tem o tema do ecumenismo presente em seu magistério. A sua proposta ecumênica parece ganhar ênfase como diálogo social, pastoral e espiritual, fortalecendo um ecumenismo com sentido amplo, que envolve questões socioambientais, culturas e religiões. Mas o Papa Francisco impulsiona também o ecumenismo em sentido estrito, como busca da unidade cristã. O objetivo deste artigo é verificar como as propostas por reformas na igreja favorecem esse ecumenismo e como se expressa o seu horizonte teológico-doutrinal. Algumas questões são norteadoras desta pesquisa, como: qual a compreensão de ecumenismo no magistério de Francisco? Que contribuições ele apresenta para as relações ecumênicas entre as diferentes Igrejas e qual a natureza dessa contribuição? Como o magistério de Francisco possibilita avançar em relação ao que o Vaticano II já apresentou como «ponto de partida» para o ecumenismo na Igreja católica? A busca de resposta a tais questões, entre outras, se dá pela análise do redimensionamento teológico e eclesiológico no magistério de Francisco, as propostas de reformas eclesiais,

no horizonte de uma «Igreja em saída» e da sinodalidade, e a verificação de questões eclesiológicas ainda pendentes no diálogo ecumênico. A conclusão é esses fatores são chaves para compreender a contribuição ecumênica do Papa Francisco, colocando a Igreja católica em uma nova situação ecumênica hoje, que muito fortalece o seu empenho ecumênico.

2. A POSTURA ECUMÊNICA DO PAPA FRANCISCO

No primeiro encontro ecumênico como papa, Francisco falou aos representantes das Igrejas e religiões que participaram da celebração que deu início ao seu ministério:

«Peçamos ao Pai misericordioso para vivermos em plenitude a fé que recebemos como dom no dia do nosso Batismo, e de podermos dar um testemunho livre, alegre e corajoso. Será esse o nosso melhor serviço à causa da unidade entre os cristãos, um serviço de esperança para um mundo ainda marcado por divisões, por contrastes e por rivalidades. Quanto mais formos fiéis à sua vontade, por pensamentos, palavras e ações, mais caminharemos realmente e substancialmente rumo à unidade»¹.

Vemos aqui um programa ecumênico para o pontificado de Francisco. Entende que o ecumenismo é um serviço para as igrejas viverem «a plenitude da fé», fundada no Batismo comum, e realizarem um testemunho também comum do Evangelho no mundo. É sinal de esperança para a superação das divisões que a humanidade vive. O Papa demonstra uma «firme vontade de prosseguir no caminho do diálogo ecumênico»², e o fortalece de diversas maneiras: em seus pronunciamentos, encíclicas e exortações apostólicas; num novo estilo de pontificado, dialogal, que favorece a relação com lideranças das diferentes Igrejas, num ecumenismo de gestos concretos; na promoção da «cultura do encontro» (FT 30.216) e do diálogo no mundo atual (FT 198-224), em vista da fraternidade universal.

¹ Francisco. “Encontro com representante das igrejas, das comunidades eclesiais e de outras religiões”. Vaticano. 20 de março de 2013, consultado em 11 de maio de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni.html

² Ibid.

Merece destaque o ecumenismo de gestos em Francisco, como sua visita ao pastor pentecostal Giovanni Traettino da Igreja Pentecostal da Reconciliação, ao Sul da Itália³; a visita ao templo valdense em Turin⁴; o encontro com o Patriarca Kiril em Cuba⁵; a viagem à Suécia no contexto da celebração dos 500 anos da Reforma de Lutero⁶; a visita ao Conselho Mundial de Igrejas⁷. São expressões concretas de uma «Igreja em saída» na direção de outras Igrejas, que «primeira» na resposta ao desejo de unidade que Jesus quer para seus discípulos e discípulas (Jo 17,21). Isso fortalece «a credibilidade do anúncio cristão» (EG 244), buscando a plenitude da catolicidade da Igreja.

Os gestos estão na base do ensino ecumênico que o Papa Francisco apresenta em seu magistério. Das três encíclicas (*Lumen fidei* - LF, *Laudato si'* - LS e *Fratelli tutti* - FT) somente a *Lumen fidei* não aborda a questão ecumênica (e o diálogo inter-religioso), enquanto as outras duas o consideram explicitamente. Das cinco exortações apostólicas (*Evangelii gaudium* - EG, *Amoris laetia* - AL, *Gaudete et exsultate* - GE, *Christus vivit* - ChV, *Querida Amazônia* - QAm), a *Evangelii gaudium* e a *Querida Amazônia* possuem uma seção específica para o ecumenismo (EG 244-246; QAm 106-110), e as demais o tratam em relação com outros temas, mostrando a sua transversalidade. Nesses documentos, o ecumenismo

³ Francisco. “Visita privada ao pastor evangélico Giovanni Traettino da Igreja Pentecostal da Reconciliação”. Vaticano. 28 de julho de 2014, consultado em 10 janeiro 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140728_caserta-pastore-traettino.html

⁴ Francisco. “Discurso na Visita ao Templo Valdense, Visita Pastoral a Turin”. Vaticano. 22 de julho de 2015, consultado em 10 de janeiro de 2023. http://w2.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2015/june/documents/papafrancesco_20150622_torino-chiesa-valdese.html

⁵ Francisco. “Declaração conjunta com Sua Santidade Kiril, Patriarca de Moscou e de todas as Russias”. Vaticano. 12 de fevereiro de 2016, consultado em 10 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2016/february/documents/papa-francesco_20160212_dichiarazione-comune-kirill.html

⁶ Francisco. “Homilia na Oração Ecumênica Conjunta na Catedral Luterana de Lund”. Vaticano. 31 de outubro de 2016, consultado em 10 de janeiro de 2023. http://w2.vatican.va/content/francesco/es/homilies/2016/documents/papa-francesco_20161031_omelia-svezia-lund.html

⁷ Francisco. “Discurso por ocasião do 70.º aniversário da fundação do Conselho Mundial de Igrejas”. Vaticano. 21 de julho de 2018, consultado em 12 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180621_pellegrinaggio-ginevra.html

tem dois principais sentidos: um amplo, envolvendo toda a realidade da oikoumene — cultura, economia, política, ecologia, ciências. Aqui «o ecumenismo é uma contribuição para a unidade da família humana» (EG 245; FT) e o cuidado da Casa Comum (LS 7-9, 64). Sensível aos problemas que a humanidade e a criação sofrem, Francisco observa que «no processo de globalização, falta ainda a contribuição profética e espiritual da unidade entre todos os cristãos» (FT 280). E convoca as Igrejas, as religiões e as culturas para um Pacto Educativo⁸ que globalize a solidariedade, inclua toda pessoa na fraternidade universal e assegure os «direitos humanos essenciais» (FT 189). Estudiosos observam que «Este chamado a descobrir que a inclusão ou a exclusão do ferido, ao lado do caminho, define todos os projetos econômicos, políticos, sociais e religiosos, tem sempre em Bergoglio uma forma ecumênica»⁹, e configura um «ecumenismo da caridade»¹⁰. De fato, para o Papa Francisco, «O ecumenismo da caridade, da fraternidade vivida e da amizade ocupa o primeiro lugar no caminho do povo cristão convocado a construir cotidianamente a comunhão no Espírito sem exclusões»¹¹.

Francisco propõe também um ecumenismo em sentido estrito, como busca da unidade na fé cristã (EG 244-246; QAm 106-110), entendendo que «é urgente continuar a dar testemunho dum caminho de encontro entre as várias confissões cristãs» (FT 280). O ecumenismo é constitutivo da Igreja, em sua natureza e missão, e tem base no Batismo comum, que exige das Igrejas abertura mútua como companheiras de caminhada (EG 244). Para Francisco, a unidade se dá na e através da diversidade: «a unidade não é uniformidade [...] Tarefa ecumênica é respeitar as diversidades legítimas e fazer com que se superem as divergências inconciliáveis com a unidade que Deus pede»¹². Ele está convicto de que «Devemos caminhar

⁸ Francisco. “Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo”. Vaticano. 12 de setembro de 2019, consultado em 12 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html

⁹ Ricardo Miguel Mauti. “El ecumenismo de la caridad como aporte a la unidad de la familia humana (EG 245). Algunos criterios inspiradores de Francisco”. *Theologica Xaveriana* 72 (1922): 7.

¹⁰ *Ibid.*, 8-12.

¹¹ Gabriele Cipriani. “Da fraternidade à comunhão: o ecumenismo do Papa Francisco”. *Caminhos de Diálogo* 6, n.º 8 (2018): 8.

¹² Francisco. “Discurso na Plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos”. Vaticano. 10 de novembro 2016, consultado em 01 de maio

unidos com nossas diferenças: não há outra maneira de nos tornarmos um»¹³. O fundamental é o testemunho comum do Evangelho, o que pode levar também ao «ecumenismo do sofrimento, o ecumenismo do martírio, o ecumenismo do sangue»¹⁴. Isso significa que o caminho ecumênico é percorrido de diferentes maneiras, mas a meta é a mesma: comunhão na fé e na missão. O Sínodo sobre a sinodalidade vai nessa direção, perguntando: «Como podemos dar o próximo passo para caminharmos uns com os outros?»¹⁵. O Papa Francisco está ciente que «os cristãos devem falar e agir juntos se quiserem ter um impacto global»¹⁶.

Não obstante o fato de o magistério papal ser normativo apenas para as comunidades católicas, em muito pode ser acolhido também por não católicos. Francisco usa a expressão «cristãos» para indicar os destinatários da sua mensagem [EG (1, 3, 6, 98, 216, 244, 245, 246; FT 39, 46, 74, 85, 268, 270, 277, 278, 279, 280)], num claro intento de dialogar com as diversas tradições eclesiais. Destaca-se a «oração cristã ecumênica», no final de FT, e o uso da teologia da criação do Patriarca Bartolomeu (LS 8-9), bem como o reconhecimento que membros de outras Igrejas tem de Francisco de Assis (LS 10). Bem constatou Santiago Madrigal, que em seu programa ecumênico o Papa «convoca todos os cristãos a partir da

de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161110_plenaria-unita-cristiani.html. Vemos aqui uma importante sintonia com a proposta de unidade de Oscar Cullman. *Unity through Diversity*. Minneapolis: Fortress Press, 1988, 9.

¹³ “A Big Heart Open to God: The Exclusive Interview with Pope Francis”. *Thinking Faith*. 19 de setembro de 2013, consultado em 16 de janeiro de 2023. http://www.thinkingfaith.org/articles/20130919_1.htm

¹⁴ Francisco. Discurso à Sua Santidade Karekin II, Patriarca Supremo e Católicos de todos os Armênios”. Vaticano. 8 de maio de 2014, consultado em 17 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140508_patriarca-armeni.pdf

¹⁵ Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. “Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão. Vademecum para o Sínodo sobre a Sinodalidade”, 5,3, item 7. Vaticano. 07 de setembro de 2012. Consultado em 12 de janeiro de 2023. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0541/01166.html>. Também: Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. “Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação, Missão – Documento Preparatório”, 30, item VII. 24 de dezembro de 2021 [= DP]. Consultado em 15 de janeiro de 2023. https://www.synod.va/content/dam/synod/common/preparatory-document/word_pdf/pt_prepa_sp.pdf

¹⁶ Martin Bräuer. “Pope Francis and Ecumenism”. *The Ecumenical Review* 69 (2017): 4.

centralidade do Vaticano II, colocando em jogo uma série de elementos de base, como a alegria do encontro, a necessidade do testemunho comum, o fundamento bíblico do caminho ecumênico»¹⁷. É de se esperar que isso tenha efeitos positivos nas relações entre as Igrejas, peregrinando juntas (EG 244) nos caminhos do Evangelho.

3. FUNDAMENTOS HERMENÊUTICOS

O ecumenismo precisa ser justificado teologicamente, o que o Papa Francisco faz com o método e a hermenêutica conciliar, explicitando os dados da fé numa linguagem atualizada, e favorecendo para um redimensionamento teológico que supere a rigidez e o fixismo da dogmática tradicional, a qual, fiel à formulação da fé, nem sempre transmite sua substância (cf. EG 41). Ciente que «A Igreja [...] tem necessidade de crescer na sua interpretação da Palavra revelada e na sua compreensão da verdade» (EG 40), o Papa afirma que «o tempo é superior ao espaço» (EG 222-225), «a unidade prevalece sobre o conflito» (EG 26-30), e retoma o princípio da «hierarquia das verdades» (UR 11; EG 36), como fundamentos hermenêuticos do seu ensino ecumênico.

3.1. REDIMENSIONAMENTO TEOLÓGICO

3.1.1. A ecumenicidade das fontes da fé: «o tempo é superior ao espaço»

À esteira do concílio, Francisco revigora as fontes bíblicas e patrísticas da fé, não como um retorno ao passado para retomar valores anacrônicos, mas para recuperar as origens da fé. Aí a Igreja reencontra sua essencialidade por um reabastecimento dinâmico e criativo da sua tradição teológica e espiritual: «sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais eloquentes, palavras cheias de significado para o mundo atual» (EG 11).

¹⁷ Santiago Madrigal Terrazas. *L'unità prevale sul conflitto. L'ecumenismo di Papa Francesco*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2017, 31.

O esforço de reconectar a Igreja com suas fontes tem alcance ecumênico, permitindo às Igrejas «uma re-apropriação mutuamente reconhecível das fontes da fé cristã»¹⁸. A Declaração Conjunta do Papa Francisco e o Arcebispo de Cantuária, Justin Welby, diz: «junto aos túmulos destes Apóstolos e santos Padres, católicos e anglicanos reconhecem-se herdeiros do tesouro do Evangelho de Jesus Cristo»¹⁹. Ao longo da história, as Igrejas criaram doutrinas, estruturas e costumes que lhes configuraram formas de ser muitas vezes distanciadas de suas fontes primeiras. Hoje, elas são provocadas a uma renovada fidelidade ao *querigma* primitivo, que é o ponto de partida e fio condutor do diálogo ecumênico: «comprometemo-nos a testemunhar juntos a graça misericordiosa de Deus, que se tornou visível em Cristo crucificado e ressuscitado»²⁰.

Esse retorno às fontes tem vínculo com o ensino do Papa que «o tempo é superior ao espaço»²¹. A fidelidade a Cristo e ao seu do Evangelho, caracteriza a perseverança nas fontes da fé que podem ser apropriadas por um espaço institucional, mas não limitadas a este. Cristo e o seu Espírito atuam além dos espaços eclesiásticos, o que expressa a dimensão transcendental das fontes. O reconhecimento das verdades de um tempo original do cristianismo nos tempos atuais, mostra que o tempo tem «uma vantagem de independência no espaço (não-lugar) que permite o desenvolvimento e uso das vantagens de novas condições»²². Isso serve de critério para que as Igrejas se perguntem como vivem o *querigma* primitivo, discernindo os desenvolvimentos legítimos e os ilegítimos nos seus espaços institucionais e doutrinários. Implica reconstruir o significado da

¹⁸ Faith and Order: *A Treasure in Earthen Vessels. An Instrument for an Ecumenical Reflection on Hermeneutics*. Bialystok/Poland: Orthruk Orthodox Printing House, 1998, n.º 6.

¹⁹ Francisco, e Justin Welby. “Declaração Conjunta Católica-Anglicana”. Vaticano. 05 de outubro de 2016, consultado em 30 de abril de 2022. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161005_vespri-canterbury.html

²⁰ Francisco e Muniib Yunan. “‘Declaração Conjunta’ por ocasião da comemoração conjunta católico-luterana da Reforma”. Vaticano. 31 de outubro de 2016, consultado em 10 de maio de 2022. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2016/10/31/0783/01757.html#port>

²¹ O princípio é de Michael de Certeau. *A invenção do cotidiano - 1. Artes de fazer*. 21.ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

²² Cf. Michael de Certeau. *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press, 1984, xix.

vida e da mensagem de Jesus, entendendo que «a unidade das Igrejas só é possível numa unidade na verdade do Evangelho»²³. E essa verdade não se dá primeiramente num horizonte eclesiológico, mas no horizonte do Reino, no qual o tempo é mais kairológico do que cronológico.

No tempo encontram-se as Escrituras e a Tradição, desenvolvidas nas doutrinas das Igrejas. Mas estas últimas precisam voltar àquelas para se reconhecerem mutuamente. Isso requer certa relativização dos espaços onde o Evangelho e a Tradição são acolhidos. Não são negados, mas colocados sob o critério do tempo da Igreja primitiva. O alcance ecumênico disso está em ajudar as Igrejas a não dissociarem Escrituras e Tradição²⁴, superando tanto o princípio *sola scriptura* quanto a tendência de afirmar o caráter vinculante do Magistério isolado das Escrituras. Assim, é possível ir ao essencial da fé cristã, transmitido hoje por novas categorias e linguagens que explicitem sua ecumenicidade.

A atualização das fontes primeiras da fé eclesial fortalece processos ecumênicos já, pacientes para a sua maturação no tempo de Deus, ciente que «dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais* com *iniciar processos do que possuir espaços*» (EG 223). Priorizar o tempo sobre o espaço permite progressos no reconhecimento das diferentes Igrejas como sujeitos de tradições legítimas a partir das fontes bíblica e patrística da Revelação. Todas são corresponsáveis pelo desenvolvimento do capital simbólico fé, no qual a Tradição se torna vida eclesial numa «ortodoxia dinâmica»²⁵, com constante evolução doutrinal, sendo o presente da Igreja fiel ao tempo primitivo.

Assim, com o princípio «o tempo é superior ao espaço» para manter no presente as fontes primitivas da fé cristã, o Papa Francisco abre novas possibilidades para o ecumenismo, explicitando que nas fontes comuns

²³ Comissão Internacional Católica-Luterana. “Il vangelo e la chiesa”. Em *Enchiridion Oecumenicum*, vol. I, organizado por Giovanni Cereti e Server J. Voicu, n.º 14/1141. Bolonha: EDB, 1986.

²⁴ Vale lembrar o que disse Bento XVI sobre a tradição anglicana: «É nossa ardente esperança que a Comunhão Anglicana permaneça alicerçada nos Evangelhos e na Tradição Apostólica, que formam o nosso patrimônio comum». Bento XVI. “Discurso por ocasião da visita de S. G. Rowan Williams, Arcebispo de Canterbury”. Vaticano. 23 novembro 2006. Consulta 04 maio 2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061123_archbishop-canterbury.html

²⁵ Josef Mikulášek. “‘I dream of a church...’. Certain principles from Pope Francis on the development of the Church”. *AUC Theologica* 1 (2019): 70.

o Espírito atua reconciliando as Igrejas. Isso fortalece o diálogo que, «fundado nos Evangelhos e nas antigas tradições comuns, leve àquela unidade na Verdade pela qual Cristo rezou»²⁶ em Jo 17,21.

3.1.2. Conteúdo e forma: «A unidade prevalece ao conflito»

Na abertura do Vaticano II, João XXIII afirmou que «uma coisa é a substância da doutrina, do “*depositum fidei*”, e outra é a formulação com que são enunciadas»²⁷. Orientou os padres conciliares a trabalharem para «[...] que a Igreja não se aparte do patrimônio sagrado da verdade», mas que também olhasse o presente considerando «as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo hodierno, que abriram novos caminhos ao apostolado católico»²⁸. Em sintonia, João Paulo II entendeu que o concílio propõe que «o elemento que decide a comunhão na verdade é o *significado da verdade*» (UUS 19), sua expressão pode ser multiforme. O Papa Francisco corrobora esse ensino criticando posturas que adotam uma linguagem ortodoxa rígida, mas não expressa a essência do Evangelho hoje:

«Por vezes, mesmo ouvindo uma linguagem totalmente ortodoxa, aquilo que os fiéis recebem devido à linguagem que eles mesmos utilizam e compreendem, é algo que não corresponde ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo [...] damos-lhes um falso deus ou um ideal humano que não é verdadeiramente cristão [...] somos fiéis a uma formulação, mas não transmitimos a substância» (EG 41).

Isso tem implicações nas relações entre as Igrejas, estimulando-as a reverem a forma de apresentar as próprias doutrinas, discernindo o essencial do contextual. Afirmando que «a unidade prevalece ao conflito» (EG 226-230), Francisco impulsiona a comunhão no conteúdo da fé com a diversidade de sua formulação. Para isso é importante compreender que muitos conflitos entre as Igrejas se enraízam em condicionamentos socioculturais e religiosos que incidem nas formulações doutrinárias. Discernindo esses condicionamentos, as Igrejas podem rever a proposição

²⁶ Francisco, Justin Welby. “Declaração Conjunta Católica-Anglicana”.

²⁷ João XXIII. “Discurso na abertura solene do concílio”. Em *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*, editado por Concílio Vaticano II, 4.^a ed., 28. São Paulo: Paulus, 2007.

²⁸ João XXIII. “Discurso na abertura solene do concílio”, 28.

e recepção das doutrinas, visando superar os conflitos que daí emergem. E podem repropor, juntas, a verdade cristã. Para isso, cada Igreja precisa «partilhar com outras formas de hermenêuticas a meta de facilitar a interpretação, comunicação e recepção dos textos, símbolos e práticas que configuram o sentido para as comunidades particulares»²⁹. Esse sentido não esgota o mistério da fé, nem pode ser prisioneiro de seu contexto, mas aberto ao devir histórico. Nesse devir as Igrejas podem se encontrar na fé com formulações diferentes, mas não excludentes. Nisso está o valor ecumênico do princípio «a unidade prevalece ao conflito». Cada Igreja pode manter a fidelidade à suas próprias verdades e, simultaneamente, reconhecer formas diferenciadas das mesmas verdades em outras Igrejas. O Papa mostra o horizonte pneumatológico disso, desafiando uma Igreja a reconhecer o Espírito agindo pela verdade da outra Igreja:

«E, se realmente acreditamos na ação livre e generosa do Espírito, quantas coisas podemos aprender uns dos outros! Não se trata apenas de receber informações sobre os outros para os conhecermos melhor, mas de recolher o que o Espírito semeou neles como um dom também para nós» (EG 246).

Dois elementos merecem destaque nessa citação: a) o reconhecimento de que o Espírito está agindo, de forma «livre e generosa», tanto em nós quanto nos outros. Nenhuma Igreja é espaço exclusivo da ação de Deus ou única intérprete de sua revelação, pois «Não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico» (EG 117). b) A compreensão de que as riquezas que o Espírito concede a uma Igreja podem servir também para outras. Trata-se de um «ecumenismo receptivo»³⁰ no qual uma Igreja aprende de outra, o que ajuda a compreender «como textos, símbolos e práticas das várias Igrejas podem ser interpretados, comunicados e mutuamente recebidos como Igrejas engajadas no diálogo»³¹.

Isso está na base do «intercâmbio de dons» (EG 246) como aprofundamento da fé na própria tradição, recebendo a contribuição de outras, como afirmam o Papa Francisco e o Patriarca Bartolomeu I: «a nossa fidelidade ao Senhor exige o encontro fraterno e o verdadeiro diálogo.

²⁹ Faith and Order. *A Treasure in Earthen Vessels*. n.º 5.

³⁰ Paul D. Murray, ed. *Receptive Ecumenism and the Call to Catholic Learning: Exploring a Way for Contemporary Ecumenism*. Oxford: University Press, 2008, 33.

³¹ Faith and Order. *A Treasure in Earthen Vessels*. n.º 5.

Tal busca comum não nos distancia da verdade; ao contrário, através do intercâmbio de dons, nos conduzirá, sob a guia do Espírito, a toda a verdade (cf. Jo 16,13)»³². A unidade no conteúdo da verdade da fé prevalece ao conflito de suas interpretações.

3.1.3. A hierarquia das verdades

O Vaticano II ensina que existe «uma ordem ou “hierarquia” das verdades da doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diferente» (UR 11). Esse é outro elemento metodológico importante para o diálogo ecumênico³³, e o Papa Francisco acolhe em seu magistério: «todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas são mais importantes por exprimir mais diretamente o coração do Evangelho» (EG 36). Isso ajuda as Igrejas a buscarem o que é de fato fundamental na identidade cristã, sem impor nada além do indispensável (At 15,28). Uma Igreja não deverá exigir da outra mais do que o necessário para uma verdadeira comunhão. Francisco reconhece que por vezes «a mensagem que anunciamos parece então identificada com tais aspectos secundários, que embora relevantes, por si sozinhos não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo» (EG 34). Isso exige dialogar sobre os desenvolvimentos da doutrina cristã nas diferentes Igrejas, ciente que nada do que contradiz o «fundamento» pertence à Igreja. Elas precisam identificar juntas o que constitui o centro da fé, o mistério de Cristo em sua vida, paixão, morte e ressurreição, mostrando a ação do Deus Triuno na história da salvação. Precisam discernir os *diversus nexus* das doutrinas com esse centro/fundamento. Não existem relações acidentais entre as doutrinas da fé e todas são vinculantes no ato de fé. Mas cada uma tem seu peso, gravidade ou importância, conforme a proximidade com o «fundamento», a partir do qual as Igrejas recebem, interpretam e transmitem as Escrituras, celebram os sacramentos, decidem os elementos de governo e de organização. Como

³² Francisco e Bartolomeu I. “Declaração Conjunta”. Vaticano. 25 de maio de 2014, consultado em 15 de janeiro de 2023. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-dichiarazione-congiunta.html

³³ César Izquierdo. “La jerarquía de verdades: su recepción en el ecumenismo y en la teología”. *Scripta Theologica* 44 (2012): 433-461. Ver também: Santiago Madrigal Terrazas. *L’unità prevale sul conflitto*, 99-104.

diz o Francisco, «Nenhuma verdade é negada» (EG 39) e nem se exige das Igrejas alterações no conteúdo essencial de suas doutrinas, mas que dialoguem sobre elas buscando convergências «a partir do coração do Evangelho» (EG 34-39). Ecumenismo é unir-se em «um só coração»³⁴ no qual pulsa os mesmos sentimentos de Cristo (Ef 2,5).

E aqui está a ecumenicidade desse princípio: «Se nos concentrarmos nas convicções que nos unem e recordarmos o princípio da hierarquia das verdades, poderemos caminhar decididamente para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho» (EG 246). O diálogo ecumênico o assumiu: «Isso pressupõe que aquelas verdades que servem para explicar e proteger outras verdades mais fundamentais tenham um vínculo apenas indireto com o fundamento da fé, ou pelo menos um vínculo que é menos direto daquele de outras verdades»³⁵. Uma justa aplicação do princípio da hierarquia das verdades levará as Igrejas a um núcleo comum da fé, a partir do qual elas são convidadas a fazerem uma re-apropriação das próprias verdades, num esforço de convergências com outras Igrejas. Então as Igrejas podem ter mais clareza dos elementos de fé que as unem:

«Como cristãos, a todos nos une a fé em Deus, o Pai que nos dá a vida e tanto nos ama. Une-nos a fé em Jesus Cristo, o único Redentor, que nos libertou com o seu bendito sangue e a sua ressurreição gloriosa. Une-nos o desejo da sua Palavra, que guia os nossos passos. Une-nos o fogo do Espírito que nos impele para a missão. Une-nos o mandamento novo que Jesus nos deixou, a busca duma civilização do amor, a paixão pelo Reino que o Senhor nos chama a construir com Ele. Une-nos a luta pela paz e a justiça. Une-nos a convicção de que nem tudo acaba nesta vida, mas estamos chamados para a festa celeste, onde Deus enxugará as nossas lágrimas e recolherá o que tivermos feito pelos que sofrem» (QAm 109).

Sobre essa base, as Igrejas são convocadas a reformularem juntas a fé comum. Processo difícil, mas necessário para que elas se reconheçam em que se fundamenta a unidade, como mostra a Comissão Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas:

³⁴ Ricardo Burigana. *Um cuore solo. Papa Francesco e unità della Chiesa*. Milano: Edizioni Terra Santa, 2014.

³⁵ Comissão Igreja Católica-Conselho Mundial de Igrejas. «La nozione di 'gerarchia delle verità': una interpretazione ecumenica». Em *Enchiridion Oecumenicum*, organizado por Giovanni Cereti e Server J. Voicu, vol. III., n.º 27/923. Bolonha: EDB, 1995.

«A Igreja é una porque Deus é uno (Jo 17,11; 1Tm 2,5). Por isso, a fé apostólica é una; a nova vida em Cristo é una; a esperança da Igreja é una. Jesus orou para que seus discípulos sejam um para que o mundo creia (Jo 17,20-21) e enviou o Espírito para constituí-los em um só corpo (1Co 12,12-13) [...] Apesar de todas as divisões, todas as Igrejas creem que se baseiam no Evangelho uno (Gl 1,5-9) e estão unidas em muitos aspectos de sua vida (Ef 4,4-7)»³⁶.

3.2. REDIMENSIONAMENTO ECLESIOLÓGICO

A nova hermenêutica da fé cristã possibilita um redimensionamento eclesiológico que coloca a Igreja numa perspectiva de «saída» e num processo de conversão missionária. Isso acontece por uma nova recepção do Vaticano II e a afirmação da sinodalidade como constitutiva do ser eclesial. É importante verificarmos a ecumenicidade desse processo.

3.2.1. Nova recepção do Vaticano II

A recepção do Vaticano II sempre esteve em meio a discussões, sobretudo se ele é continuidade ou ruptura com a tradição dogmática e o magistério que o precedeu³⁷. Passada uma primeira fase eufórica de sua recepção, em muitos setores da Igreja houve um «movimento de reação, surda, mas crescente»³⁸, e uma série de posturas eclesiásticas que entendiam corrigir sua hermenêutica. O Sínodo extraordinário de 1985, visou apresentar uma interpretação oficial do Concílio, mas restauradora, com tendências a «voltar ao passado das seguranças, das clarezas e da uniformidade que o modelo tradicional tornava possível»³⁹. A Congregação

³⁶ Fé e Constituição. *A Igreja. Uma visão ecumênica*. São Paulo: ASTE, 2015, n.º 22.

³⁷ Cf. Gilbert Narcisse. “Interpréter la tradition selon Vatican II: rupture ou continuité?”. *Revue thomiste* 110 (2010): 373-382; Neil Ormerod. “Vatican II - continuity or discontinuity?: toward an ontology of meaning”. *Theological studies* 71 (2010): 609-636; Giandomenico Mucci. “Continuità e discontinuità del Vaticano II”. *La Civiltà cattolica* 161, n.º 3834 (2010): 579-584.

³⁸ Carlos Palacio. *Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2001, 39.

³⁹ Carlos Palacio. *Deslocamentos da teologia*, 40.

para a Doutrina da Fé enfatizou a perspectiva *ad intra* da comunhão⁴⁰, com um «enquadramento em torno ao primado»⁴¹ e a afirmação da cúria romana acima do colégio episcopal. A expressão *subsistit ecclesia* foi entendida sem considerar os avanços ecumênicos na eclesiologia⁴². Com essa recepção involutiva do concílio, teólogos perguntam se o Vaticano II é, hoje, uma «batalha perdida ou esperança renovada»?⁴³

Também o Papa Francisco entende que «o último Concílio Ecumênico ainda não foi plenamente compreendido, vivido e aplicado»⁴⁴. Mas o afirma como esperança para a Igreja, um «rio vivo da Tradição sem estancar-se nas tradições»; que ajuda a «sair de nós mesmos para superar a *tentação da auto-referencialidade*»⁴⁵. Exorta Francisco: «reencontremos a paixão do Concílio e renovemos a paixão do Concílio»⁴⁶.

Como centrais nos esforços de Francisco para o revigoramento da recepção conciliar, temos: um programa de reformas estruturais na Igreja, superando toda auto-referencialidade e afirmando a colegialidade; o diálogo com o mundo e suas culturas, as Igrejas e as religiões; a conversão pastoral (EG 25-26) e a missão vinculadas com a opção pelos pobres com fundamento teológico (EG 198), pois «existe um vínculo inseparável entre nossa fé e os pobres» (EG 48). Assim o Papa anuncia o frescor do Evangelho, valorizando o método ver, julgar, agir, em sintonia com a tradição teológica latino-americana, propondo uma teologia menos «de escritório» (EG 133) e mais pelo contato com o cotidiano da sociedade.

Tal revigoramento da recepção conciliar tem seu auge no Sínodo sobre a Sinodalidade, buscando uma Igreja de comunhão, participação e

⁴⁰ Congregação para a Doutrina da Fé. *Communio notio*. Em *Serviço de Documentação - SEDOC* 25, n.º 235 (1992): 362-272.

⁴¹ Jesús Martínez Gordo. *La conversión del papado y la reforma de la cúria romana. Cambio de rumbo*. Madrid: PPC, 2014, 61-67. 70s.

⁴² Congregação para a Doutrina da Fé. *Dominus Iesus*. São Paulo: Paulinas 2000, n.º 16-17.

⁴³ Agenor Brighenti y Francisco Merlos Arroyo. *O Concílio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2014.

⁴⁴ Francisco. “Prefácio”. Em *Juan XXIII. II Vaticano II: un concilio per il mondo*, Ettore Malnati e Marco Roncalli. Azzano San Paolo (BG): Bolis Edizioni, 2022.

⁴⁵ Francisco. “Homilia na celebração do 60.º aniversário da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II”. Vaticano. 11 de outubro de 2022, consultado em 15 de janeiro de 2023. <https://www.vatican.va/content/francesco/es/homilies/2022/documents/20221011-omelia-60concilio.html>

⁴⁶ Ibid.

missão⁴⁷. Assim, Francisco reafirma o Vaticano II como esperança renovada para a Igreja. E reafirma também sua convicção ecumênica, pois «Com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica empenhou-se, de modo irreversível, a percorrer o caminho da busca ecumênica» (UUS 3).

3.2.2. Sinodalidade e hierarquia

Uma fragilidade na realização da sinodalidade na Igreja católica é a compreensão da comunhão numa perspectiva hierárquica, em detrimento de outras dimensões. O ministério do bispo na Igreja Local e em relação com a Igreja Universal e o papa, é apresentado como o centro e o elemento determinante da comunhão, de modo que a Igreja em seu conjunto quase não conta para isso. Esta anomalia também se manifesta em nível local, no qual o ministério episcopal é constitutivo, mas, de fato, pode haver separação entre o episcopado e o governo de uma Igreja concreta. Pois para ser bispo na Igreja Católica não é necessário ter uma Igreja Local para governar jurídica e pastoralmente, como o demonstram os bispos auxiliares e eméritos. Este fato fragiliza a concretude da comunhão na perspectiva católico-romana, pela distorção entre a colegialidade efetiva dos bispos e comunhão eclesial efetiva. O bispo pode ser membro do colégio sem expressar a comunhão com o povo de Deus na Igreja Local concreta⁴⁸. Assim, o poder episcopal não está diretamente vinculado a um papel na comunhão eclesial e o povo de Deus não conta para a realização prática do ministério da hierarquia.

O magistério de Francisco busca superar essa dificuldade retomando o ensino do Vaticano II no qual a *koinonia* eclesial se efetiva no conjunto do povo de Deus, substituindo a ênfase no poder hierárquico pela comunhão e participação de todos na vida da Igreja (LG 13). Assim, o Papa critica duramente «um excessivo clericalismo» na Igreja (EG 107), e impulsiona o exercício do sacerdócio comum dos fiéis (LG 10), pois «todo o povo de Deus anuncia o Evangelho» (EG 111) e cada membro da Igreja a configura como «um povo com muitos rostos» (EG 115-118). A

⁴⁷ Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, DP.

⁴⁸ Joseph Famerée. “Scambio di doni: Chiesa cattolica e Chiese orientali. Per un consenso differenziato”. Em *La Riforma e le Riforme nella Chiesa*, organizado por Antonio Spadaro, e Carlos Maria Galli, 417. Brescia: Queriniana, 2016.

comunhão eclesial não é afirmada por fatores meramente institucionais e jurídicos, mas teológicos e espirituais.

Nessa direção, é proposta a sinodalidade como «o caminho que Deus espera da Igreja do Terceiro Milênio»⁴⁹. A sinodalidade possibilita uma real comunhão e participação no governo e na missão eclesiais, envolvendo tanto a colegialidade episcopal, quanto os demais membros. E há passos concretos para isso, como o Conselho de Cardeais, criado em 2013, para ajudar o papa no processo de reformas⁵⁰; o Sínodo para a Amazônia, que integrou as diversas formas de ser Igreja no conjunto do povo de Deus; o Sínodo sobre a Sinodalidade, que busca uma «Uma Igreja capaz de comunhão e de fraternidade, de participação e de subsidiariedade» (DP n.º 9); a constituição dos atuais dicastérios romanos. São indicativos de conversão sinodal para a Igreja toda, com o reconhecimento dos diferentes sujeitos eclesiais e das diferentes formas de viver na comunhão, participação e missão.

3.2.3. Sinodalidade e ecumenismo

O demasiado acento à perspectiva hierárquica da comunhão na tradição católica, bem como a possibilidade da ausência de uma Igreja Local concreta para o exercício da *episkopé*, causa estranheza para as outras Igrejas. Mas ao incentivar a sinodalidade, Francisco não apenas ajuda a melhor realizar a comunhão na Igreja católica, como também favorece o diálogo com a concepção de comunhão nas outras Igrejas. Os documentos do Sínodo afirmam que «O Processo Sinodal é também

⁴⁹ Francisco. “Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos”. Vaticano. 17 de outubro de 2015, consultado em 25 de abril de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html

⁵⁰ Francisco. “Quirógrafo do Papa Francisco para a instituição de um Conselho de Cardeais para ajudar o santo padre no governo da Igreja Universal e para a revisão da constituição apostólica ‘Pastor Bonus’ sobre a Cúria romana”. Vaticano. 28 setembro 2013. Consulta 02 maio 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2013/documents/papafrancesco_20130928_chirografo-consiglio-cardinali.html. Chama a atenção a universalidade representada por esse Conselho, tendo um latino-americano à frente, o cardeal hondurenho Óscar Andrés Rodríguez Maradiaga. Três dos sete cardeais são de países do chamado «terceiro mundo», (além de Maradiaga, o cardeal indiano Oswald Gracias de Bombaim, e o cardeal congolês Fridolin Ambongo Besungu).

uma oportunidade para aprofundar o caminho ecumênico com as outras confissões cristãs»⁵¹. A sinodalidade *ad intra* à Igreja católica requer a compreensão de que «esta perspectiva abrange também as relações e as iniciativas comuns com os irmãos e as irmãs das demais Confissões cristãs, com os quais partilhamos o dom do mesmo Batismo» (DP 28). O processo sinodal questiona: «Que relacionamentos mantemos com os irmãos e as irmãs das outras Confissões cristãs? A que âmbitos se referem? Que frutos colhemos deste “caminhar juntos”? Quais são as dificuldades?» (DP 30, item VII)⁵².

A resposta a tais questões requer que as Igrejas se escutem mutuamente sobre os elementos eclesiológicos nos quais divergem; orientem a organização eclesial centrada na fé comum em Cristo; expressem uma relação apropriada entre os diferentes níveis de vida numa Igreja plenamente unida. Então, juntas, entendem que «A sinodalidade ou conciliaridade reflete o mistério da vida trinitária de Deus, e as estruturas da Igreja a exprimem com a finalidade de realizar a vida da comunidade como comunhão»⁵³. Tem-se, assim, que a caminhada sinodal é uma privilegiada oportunidade para progressos no ecumenismo:

«Ademais, a sinodalidade está no coração do empenho ecumênico dos cristãos, pois representa um convite a caminhar juntos na via em direção à plena comunhão e porque oferece — corretamente entendida — uma compreensão e uma experiência da Igreja em que podem encontrar lugar as legítimas diversidades, na lógica de uma recíproca troca de dons à luz da verdade»⁵⁴.

Tal fato possibilita que as Igrejas partilhem suas experiências de sinodalidade. É comum o protestantismo centrar sua eclesiologia na congregação dos fiéis, onde cada membro exercita o seu sacerdócio com base no Batismo comum. A tradição luterana tem um governo sinodal, no qual o laicato atua na eleição de ministros/as, no ensino do evangelho e na organização da vida eclesial. Entre os anglicanos, a sinodalidade acontece nos níveis local, nacional e supranacional, com uma ação conjunta entre

⁵¹ *Vademecum*, 2.4, item 5.

⁵² Ver também *Vademecum*, 5.3, VIII.

⁵³ Fé e Constituição. *A Igreja. Uma visão ecumênica*, n.º 53.

⁵⁴ Comissão Teológica Internacional. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018, n.º 9.

bispos e comunidade⁵⁵. Na tradição reformada, a práxis sinodal integra o ministério de pastores, doutores, presbíteros e diáconos. Os presbíteros governam a Igreja com os pastores, mas nas decisões sinodais participam também os ministros doutores, diáconos e fiéis leigos. O impulso sinodal do magistério de Francisco possibilita estas Igrejas partilharem suas experiências de sinodalidade, o que é mais intensa no protestantismo, vinculada à concepção de Igreja, sacramentos e ministérios⁵⁶. Fundamental é compreender que «o que está em jogo não é a sobrevivência das Igrejas, mas a credibilidade da mensagem de Cristo; e tal credibilidade já não é possível ser recuperada de forma isolada»⁵⁷.

O mesmo espera-se em relação à tradição ortodoxa, na qual o patriarcado constitui uma estrutura sinodal, garantindo a comunhão das Igrejas numa província ou região, com decisões tomadas nos Sínodos Patriarcais onde a colegialidade e a sinodalidade se realiza na harmonia entre o Patriarca e os bispos das Igrejas locais. Mas a «Sinodalidade, entretanto, envolve também todos os membros da comunidade [...] a participação ativa dos leigos, homens e mulheres, de monges e de pessoas consagradas, é executada na diocese e na paróquia através de muitas formas de serviço e missão»⁵⁸. O Papa estimula um diálogo que possibilite «conhecer profundamente as tradições recíprocas para as compreender e, por vezes, também para aprender delas»⁵⁹. Constatando importante relação entre a tradição católica da colegialidade episcopal e do primado com a tradição ortodoxa da sinodalidade, Francisco acredita que «no diálogo

⁵⁵ Cf. Comissão Teológica Internacional. *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*, n.º 36.

⁵⁶ Cf. Comissão Teológica Internacional. *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*, n.º 36.

⁵⁷ Benito Méndez Fernández. “La sinodalidad en perspectiva ecuménica”. *Sal-manticensis* 68 (2021): 270.

⁵⁸ Comissão Mista Internacional para o Diálogo entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa. “Documento de Ravena”, n.º 20. Vaticano. 13 de outubro de 2007, consultado em 18 de janeiro de 2023. <http://www.christianunity.va/content/unitacristiani/it/dialoghi/sezione-orientale/chiese-ortodosse-di-tradizione-bizantina/commissione-mista-internazionale-per-il-dialogo-teologico-tra-la/documenti-di-dialogo/2007-documento-di-ravenna.html>

⁵⁹ Francisco. “Discurso à delegação do patriarcado ecumênico de Constantinopla”. Vaticano. 28 de junho de 2013, consultado em 14 de janeiro de 2023. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130628_patriarcato-ecumenico-costantinopoli.html

com os irmãos ortodoxos, nós, os católicos, temos a possibilidade de aprender algo mais sobre o significado da colegialidade episcopal e sobre a sua experiência da sinodalidade» (EG 246). Estimula «O exame atento do modo como se entrelaçam na vida da Igreja o princípio da sinodalidade e o serviço daquele que lhe preside (como) contribuição significativa para o progresso das relações entre as nossas Igrejas»⁶⁰. Sintoniza, assim, com o diálogo católico-ortodoxo que afirma uma relação de interdependência entre sinodalidade e primado na vida da Igreja⁶¹. No âmbito pastoral, o diálogo incentiva católicos e ortodoxos a uma «cooperação ativa no nível das comunidades locais, com o objetivo de compartilhar a comunhão plena e expressões concretas de unidade»⁶².

Portanto, sinodalidade e ecumenismo se implicam mutuamente. Para isso é fundamental compreender que «a Igreja em seu conjunto, ou seja, todas as confissões cristãs implicadas no movimento ecumênico, já não deveriam realizar nenhum tipo de reflexão profunda ou reforma global sem contar, ao menos, com a consulta ou a escuta das demais»⁶³. Isso tem consequências para as estruturas eclesiais.

⁶⁰ Francisco. “Discurso à delegação ecumênica do patriarcado de Constantinopla”. Vaticano. 27 de junho de 2015, consultado em 18 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-francesco_20150627_patriarcato-constantinopoli.html

⁶¹ Cf. Comissão Mista Internacional para o Diálogo entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa. “Documento de Chieti”. Vaticano. 21 de setembro de 2016, consultado em 18 de janeiro de 2023. <http://www.christianunity.va/content/unita-cristiani/it/dialoghi/sezione-orientale/chiese-ortodosse-di-tradizione-bizantina/commissione-mista-internazionale-per-il-dialogo-teologico-tra-la/documenti-di-dialogo/2016-sinodalita-e-primato-nel-primo-millennio--verso-una-comune-.html>

⁶² Francisco, e Karekin II. “Declaração comum de Sua Santidade Francisco e de Sua Santidade Karekin II”. Vaticano. 26 de junho de 2016, consultado em 14 de janeiro de 2023. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160626_armenia-dichiarazione-congiunta.html

⁶³ Benito Méndez Fernández. “La sinodalidad en perspectiva ecuménica”. *Sal-manticensis* 68 (2021): 274.

4. CONSEQUÊNCIAS: REFORMAS ESTRUTURAIS NA IGREJA CATÓLICO-ROMANA

O acima considerado só tem efeito se acompanhado por um processo de reformas na Igreja, como propõe o Papa Francisco, «capaz de transformar tudo» (EG 27), tanto nas estruturas centrais, quanto nas Igrejas Locais. Isso tem implicações ecumênicas, como veremos.

4.1. NAS ESTRUTURAS CENTRAIS

O Papa Francisco afirma corajosamente que «Também as estruturas centrais da Igreja universal precisam ouvir o chamado a uma conversão pastoral» (EG 32). E propõe um novo *modus operandi* para a Cúria romana. Em 2014, ele apresentou um «catálogo de doenças curiais»⁶⁴; em 2016, tratou dos critérios para a continuidade das reformas, como a conversão pessoal e pastoral, a missionariedade, a atualização, a sobriedade, a subsidiariedade, a sinodalidade, a catolicidade⁶⁵. E em 2022, as reformas da Cúria romana ficam mais claras na Constituição apostólica *Praedicate evangelium*⁶⁶ (PE), revogando a constituição *Pastor Bônus*, promulgada por João Paulo II em 1988, e já modificada pelo papa Bento XVI. A *Praedicate evangelium* estabelece 16 dicastérios que reorganizam a Cúria em lugar das anteriores congregações ou conselhos pontifícios, com base a

⁶⁴ Como a planificação excessiva e o funcionalismo, o alzheimer espiritual, a rivalidade e a vanglória, a deificação de pessoas, a indiferença para com os outros, os círculos fechados, o lucro mundano, os exibicionismos. Francisco. “Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana para a troca de bons votos de Natal”. Vaticano. 22 de dezembro de 2014, consultado em 04 de maio de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html

⁶⁵ Francisco. “Encontro com a Cúria Romana na apresentação de votos natalícios”. Vaticano. 22 de dezembro de 2016, consultado em 04 de maio de 2022. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/documents/papa-francesco_20161222_curia-romana.html

⁶⁶ Francisco. “Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium* sobre a Cúria Romana e o seu serviço à Igreja e ao Mundo”. Vaticano. 19 de março de 2022, consultado em 04 de maio de 2022. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2022/03/19/0189/00404.html>

11 critérios orientadores para quem nela trabalha⁶⁷. E reafirma decretos que o papa já tinha emitido para a reforma de leis e estruturas da Santa Sé. Uma das principais novidades da PE é possibilitar que uma pessoa leiga, «dada a sua competência, poder de governo e função particulares» (PE II.5), possa dirigir o que antes era dirigido apenas por um bispo ou cardeal. Assim, o leigo Paolo Ruffini é Prefeito do Dicastério das Comunicações⁶⁸, e mulheres são chamadas para colaborar na direção dos órgãos centrais da Igreja, como a Irmã Nathalie Becquart, subsecretária do sínodo dos bispos⁶⁹. O Papa mudou também o cân. 230, Parágrafo 1, do Código de Direito Canônico para possibilitar às mulheres o exercício dos ministérios do leitorato e do acolitamento, até então exclusivo aos homens⁷⁰.

Qual o alcance ecumênico das reformas nas estruturas centrais da Igreja? Já foi observado que «sejam quais forem as decisões tomadas no tocante à reforma da Cúria, terão repercussões nas relações entre as confissões cristãs»⁷¹. No século XVI, os reformadores fizeram duras críticas à Cúria de então, pelo seu estilo burocrático, legalista e concentrador. Também hoje, é comum a impressão que o entrave maior para as relações ecumênicas (e inter-religiosas) não está, efetivamente, no papa, mas na Cúria. Considerando João XXIII e Francisco, por exemplo, verificamos posturas que indicam a clara vontade de progredir no diálogo ecumênico.

⁶⁷ A saber: «Serviço à missão do Papa», «Corresponsabilidade na *communio*», «Serviço à missão dos Bispos», «Apoio às Igrejas particulares e suas Conferências Episcopais e estruturas hierárquicas orientais», «A natureza vicária da Cúria Romana», «Espiritualidade», «Integridade pessoal e profissionalismo», «Colaboração entre os Dicastérios», «Reuniões interdicasteriais e intradicasteriais», «Expressão da catolicidade» e «Redução de Dicastérios».

⁶⁸ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. “Papa nomeia o primeiro leigo como prefeito do Dicastério para a Comunicação”. CNBB. 06 de julho de 2018, consultado em 16 de janeiro de 2023. <https://www.cnbb.org.br/papa-nomeia-o-jornalista-paolo-ruffini-como-prefeito-do-dicasterio-para-a-comunicacao/>

⁶⁹ Vatican News. “Irmã Becquart e padre Marin de San Martin subsecretários do Sínodo dos Bispos”. Vaticano. 06 de fevereiro de 2021, consultado em 10 de maio de 2022. <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-02/nomeacoes-papa-francisco-subsecretarios-sinodo-bispos.html>

⁷⁰ Francisco. “Carta Apostólica sob forma de ‘motu proprio’ *Spiritus Domini*”. Vaticano. 10 de janeiro de 2021, consultado em 30 de abril de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html

⁷¹ Walter Altman. “Implicações ecumênicas da reforma da cúria”. *Concilium* 5 (2013): 134.

Mas entre eles e as Igrejas está a Cúria romana, com sérias dificuldades para acolher e agilizar a realização das propostas ecumênicas do Vaticano II⁷², ainda que mereça destaque o papel do Dicastério Para a Unidade dos Cristãos. Exemplo disso é a Declaração *Dominus Iesus*, que fez uma hermenêutica estreita de determinados ensinamentos do Vaticano II, dificultando o diálogo ecumênico e o inter-religioso — não obstante o fato de que esse documento também propiciou reflexão sobre a eclesiologia⁷³, o ecumenismo e a teologia das religiões⁷⁴.

Ao mesmo tempo que as reformas na Cúria ajudam-na a ouvir mais as Igrejas Locais e as Conferências Episcopais, também podem ser promissoras para o diálogo ecumênico, tratando com as diversas Igrejas temas teológicos, doutrinários, pastorais e sociais sobre os quais que ela pretende se posicionar. Assim, a assessoria que a Cúria presta ao papa será ainda mais frutífera se orientá-lo para posicionamentos comuns com outras Igrejas. No campo pastoral e social, nada há que impeça isso. Falta, porém, algo semelhante no campo da doutrina. E é nesse sentido que a Cúria, sobretudo o dicastério para a unidade cristã, pode ser mais incisiva para que o papa preste um serviço de unidade na fé cristã.

Precisamos ser realistas. Para a Igreja Católica avançar no caminho ecumênico não basta criar estruturas que tenham alguma aproximação com a organização interna das outras Igrejas. É preciso *ser* Igreja ecumênica, reconfigurar-se com identidade ecumênica, tornando as estruturas meios para a sua realização. Para isso contribuí a convicta assimilação do ensino ecumênico do Vaticano II no magistério de Francisco. Mas existe ainda muito caminho a percorrer e, como demonstra o Documento para a Etapa Continental do Sínodo, urge «dar nova seiva ao caminho ecumênico»⁷⁵.

⁷² Cf. Massimo Faggioli. “A árdua batalha para transformar a Cúria Romana”. IHU. 6 de janeiro de 2022, consultado em 15 de janeiro de 2023. <https://ihu.unisinos.br/categorias/615701-a-ardua-batalha-do-papa-francisco-para-reformar-a-curia-romana-artigo-de-massimo-faggioli>

⁷³ Cf. Francisco Niño. “Dominus Yesus y Iglesia Particular”. *Theologica Xaveriana* 138 (2001): 243-256.

⁷⁴ Albert Ramirez Z. “La declaración Dominus Iesus y la posibilidad de una teología de las religiones”. *Theologica Xaveriana* 138 (2001): 167-182.

⁷⁵ Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. “Documento de Trabalho da Etapa Continental”, n. 47. Vaticano. 25 de outubro de 2022, consultado em 15 de janeiro de 2023. <https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/continental-stage/dcs/20221025-POR-DTC-FINAL-OK.pdf>

4.2. NAS IGREJAS LOCAIS

Importante ganho das reformas eclesiais é uma maior valorização da Igreja Local, como «sujeito primário da evangelização enquanto é a manifestação concreta da única Igreja num lugar da terra [...] encarnada num espaço concreto» (EG 30). E nos princípios da subsidiariedade, colegialidade e sinodalidade, a Igreja Local precisa ter autonomia pastoral. Para isso, Francisco faz alterações no código de direito canônico e na disciplina dos sacramentos, por exemplo, possibilitando que os bispos tomem decisões sobre questões até então reservadas à Cúria. Tal é o caso do discernimento sobre os chamados «casos irregulares» da vida matrimonial, fortalecendo a integração desses casais na vida eclesial (AL 296-303); e na decisão sobre as missas realizadas no rito litúrgico de Pio V⁷⁶, entre outros. Valorizando as Igrejas nas diferentes regiões, Francisco manifesta grande apreço pelas Conferências Episcopais, entendendo a necessidade de esclarecer o seu estatuto teológico «como sujeitos de atribuições concretas, incluindo alguma autêntica autoridade doutrinal» (EG 32).

Isso pode impulsionar o ecumenismo. Ao realçar a eclesiologia da Igreja Local, com um novo estilo administrativo e pastoral, há maior sintonia com a eclesiologia protestante que afirma a localidade como instância real da comunhão na fé e na fraterna concórdia, onde se ouve o Evangelho e se celebram os sacramentos⁷⁷. Os batizados formam a «congregação dos santos» num local ou região concreta. Essa eclesiologia tem grande apreço no movimento ecumênico, como demonstra a III Assembleia Plenária do Conselho Mundial de Igrejas (Nova Delhi, 1961), que em sua segunda seção propôs como modelo de unidade da Igreja a «unidade em cada lugar»:

«Cremos que a unidade que é simultaneamente vontade e dom de Deus para a sua Igreja, torna-se visível quando todos aqueles que em cada lugar são batizados em Cristo Jesus e o confessam como Senhor e salvador, são conduzidos pelo Espírito Santo a formarem uma comunidade plenamente comprometida, que confessa a mesma fé apostólica, que prega o mesmo Evangelho, que parte o mesmo pão, que se reúne na oração comum e que tem uma vida comunitária que brilha no tes-

⁷⁶ Francisco. “Carta Apostólica sob a forma de ‘motu proprio’ *Traditionis custodes*”. Vaticano. 16 de julho de 2021, consultado em 25 de abril de 2022. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/07/16/0469/01014.html#it>

⁷⁷ Cf. *Confissão de Augsburgo*, art. 7. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

temunho e no serviço a todos; e quando, além disso, se encontram em comunhão com o conjunto da comunidade cristã em todos os lugares e em todos os tempos, num modo em que o ministério e a qualidade de membro sejam reconhecidos por todos e todos possam, segundo as circunstâncias, agir e falar de comum acordo em vista dos compromissos aos quais Deus chama o seu povo»⁷⁸.

Assim, as comunidades locais dos cristãos estão unidas por uma importante catolicidade da fé vivida na diversidade de «cada lugar». Catolicidade não plena ainda, mas real. A doutrina católica sintoniza com isso ao afirmar que «a universal comunidade dos discípulos do Senhor [...] se torna presente e operante na particularidade e diversidade das pessoas, grupos, tempos e lugares»⁷⁹. Vivendo assim, na pluralidade de formas e contextos, está aberto o caminho para progredir no diálogo sobre as diferentes formas de ser Igreja «em cada lugar» que expresse uma catolicidade plena.

Como é na Igreja Local que se concretiza a Igreja Universal, ali deve acontecer efetiva recepção das orientações ecumênicas do Vaticano II. O bispo é o responsável direto pelo ecumenismo (UR 4)⁸⁰, amparado por um delegado e uma comissão⁸¹. É de se esperar que a valorização das Igrejas Locais pelo Papa Francisco as incentive nas relações ecumênicas em seus contextos, estabelecendo metas comuns com outras Igrejas. Nisso o ecumenismo de serviço ganha importância integrando as Igrejas em ações sociais (UR 12), o que pode ser uma base para o diálogo doutrinal e a espiritualidade ecumênica (UR 8; 11). Assim, paróquias, lideranças e projetos pastorais de cada Igreja Local têm melhores condições de assumir uma dimensão ecumênica. De fato, a partir do Vaticano II, pode-se falar de uma «relação identitária»⁸² entre Igreja e ecumenismo, de modo que

⁷⁸ Conselho Mundial de Igrejas. “III Assembleia. Gesù Cristo, Luce del mondo - Rapporti delle sezioni”, Terceira Sessão. Em *Enchiridion Oecumenicum*, editado por Stefano Rosso e Emilia Turco, vol. V, n.º 2/271. Bologna: EDB, 2001.

⁷⁹ Congregação para a Doutrina da Fé. *Comunionis notio*, n.º 7.

⁸⁰ Ver também: *Código de Direito Canônico*, can. 755; Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos. *Diretório para a Aplicação dos Princípios e Normas sobre o Ecumenismo* (Diretório Ecumênico), n.º 39.40. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁸¹ Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos. *Diretório Ecumênico* 41.42.

⁸² Elias Wolff. “Igrejas e ecumenismo: uma relação identitária”. *Estudos Teológicos* 45, n.º 2 (2005): 18-30.

uma Igreja Local que não assuma o ecumenismo precisaria reformar-se em sua identidade católica.

5. ALGUMAS QUESTÕES ECLESIOLÓGICAS PENDENTES NO DIÁLOGO ECUMÊNICO

O Vaticano II aprecia a vivência do Evangelho que mostra a presença da Igreja de Cristo nas diferentes tradições eclesiais (UR 3; LG 15), pelo que o Espírito as torna meios de salvação para seus fiéis (UR 3). João Paulo II reconhece que Cristo tem uma «presença operante» (USS 11) nas diferentes Igrejas, de modo que «para além dos limites da Comunidade Católica, não existe o vazio eclesial» (UUS 13). Nessa direção segue o Papa Francisco, valorizando o testemunho da fé cristã nas diferentes Igrejas, muitas vezes com o preço do martírio que conduz a um «ecumenismo do sofrimento»⁸³, inclusive um «ecumenismo de sangue»⁸⁴. Ele valoriza a missão que as Igrejas realizam no mundo, os dons que o Espírito de Deus nelas semeia, e entende que o diálogo deve «recolher aquilo que o Espírito semeou em nós, como um dom para cada um» (EG 246).

Contudo, essa afirmação clara ainda não é suficiente para o reconhecimento da plena eclesialidade das Igrejas protestantes. A grande diversidade entre elas não permite um consenso eclesiológico multilateral, cada uma precisa ser considerada em suas especificidades identitárias. E Francisco, não obstante o que já constatamos de sua importante contribuição para o ecumenismo, até o momento não tocou em elementos doutrinários que permitam avançar no reconhecimento do estatuto eclesiológico dessas Igrejas. Mas é de se esperar deste pontificado algum avanço nessa direção, como desdobramento do Vaticano II. Este concílio é ponto de partida para o ecumenismo, e não ponto de chegada, pois

⁸³ Francisco. “Discurso ao Patriarca de Alexandria, Sua Santidade Tawadros II, e Patriarca da Sede de São Marcos”. Vaticano, 10 de maio de 2014, consultado em 03 de maio de 2022. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130510_tawadros.html

⁸⁴ Francisco. “Celebração ecumênica por ocasião do 50.º aniversário do encontro em Jerusalém entre o papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras”. Vaticano, 25 de maio de 2014, consultado em 07 de maio de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-celebrazione-ecumenica.html

nem tudo sobre a unidade cristã já foi dito pelo concílio. O Vaticano II colocou a Igreja nos caminhos do diálogo, o qual já oferece importantes convergências e consensos teológico-doutrinários, como o Batismo comum, a doutrina da justificação, a missão, entre outros⁸⁵. A nova recepção do concílio com Francisco, pode avançar no lugar teológico no qual o concílio colocou a Igreja há cerca de 60 anos. As Igrejas podem se reconhecer hoje numa nova situação teológica, fruto de uma recepção dos diálogos ecumênicos. E isso diz respeito ao estatuto eclesiológico das diferentes Igrejas, o que é de se esperar possíveis desenvolvimentos com o magistério de Francisco.

5.1. SUBSISTIT E ELEMENTA ECCLESIAE

A expressão «a Igreja de Cristo subsiste na Igreja Católica» (LG 8) abandona uma relação de identidade exclusiva entre a Igreja de Cristo e as estruturas do catolicismo⁸⁶. Mas interpretações desse ensino conciliar causaram tensões, como a afirmação de Leonardo Boff que a Igreja Católica «é a Igreja de Cristo, porque esta aparece no mundo nesta mediação concreta. Mas também não o é porque não pode pretender identificar-se de maneira exclusiva com a Igreja de Cristo»⁸⁷. O debate é conhecido⁸⁸. Hoje, percebe-se mais claramente que o teólogo não fere a eclesiologia católica, que afirma a distinção, sem separação, entre a Igreja e o mistério,

⁸⁵ Cf. Walter Kasper. *Cosechar los frutos. Aspectos básicos de la fe cristiana en el diálogo ecuménico*. Santander: Sal Terrae, 2010.

⁸⁶ Cf. Cartas Encíclicas *Mystici corporis* (1943); *Humani generis* (1950).

⁸⁷ Leonardo Boff. *Igreja, Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1981, 114.

⁸⁸ Congregação para a Doutrina da Fé. “Notificação sobre o livro ‘Igreja: carisma e poder. Ensaio de eclesiologia militante’ de Frei Leonardo Boff, o.f.m”. Vaticano. 11 de março de 1985, consultado em 02 de maio de 2022. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19850311_notif-boff_po.html. A mesma Congregação já havia abordado o tema na “Declaração *Mysterium Ecclesiae*”, Parte 1. Vaticano. 24 de junho de 1973, consultado em 05 de maio de 2022. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19730705_mysterium-ecclesiae_po.html. Mais recentemente, o tratou novamente no documento *Repostas a questões relativas a alguns aspectos da doutrina sobre a Igreja*. Vaticano. 29 junho 2007, consultado em 02 de maio de 2022. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20070629_responsa-quaestiones_po.html

em Cristo, e as instituições católicas. O Vaticano II entende que a Igreja de Cristo se encarna e se expressa em uma realização institucional, mas não se esgota nela⁸⁹. Pois mesmo se real e verdadeiramente eclesial, essa instituição é historicamente incompleta e vai progredindo, entre tensões, no aperfeiçoamento do ser Igreja. Eis a razão da «reforma perene» (UR 6) na Igreja, como constante conversão/purificação (LG 8), na busca de fidelidade à sua vocação e dimensão transcendental (UUS 34-35 e 83-84). Não há forma eclesial histórica que se imponha como exclusiva realização já perfeita do ser Igreja. A Igreja Católica é Igreja de Cristo, mas a Igreja de Cristo é mais que a Igreja Católica.

Esse princípio eclesiológico tem grande valor ecumênico. O Vaticano II trabalha a identidade da Igreja Católica em relação com outras tradições eclesiais, como observa Walter Kasper: «não descreve mais o modo segundo o qual a Igreja Católica se compreende a si mesma em termos de *“splendid isolation”* [...] Ao formular a sua identidade, a Igreja Católica estabelece um relacionamento dialógico com estas Igrejas e Comunidades eclesiais»⁹⁰.

Mesmo não tratando diretamente de questões doutrinárias sobre o ecumenismo, de modo a avançar no diálogo sobre o estatuto teológico das Igrejas parceiras no caminho ecumênico, o Papa Francisco incentiva esse diálogo: «Os problemas que se podem encontrar na senda do diálogo teológico não devem induzir ao desânimo, nem à resignação»⁹¹. E nele a Igreja continua, como exemplifica a resposta ao documento do Conselho Mundial de Igrejas, *Igreja, uma visão ecumênica*⁹², reconhecendo importantes convergências, mas também exigindo aprofundamentos. Assim é

⁸⁹ Ver: Francis A. Sullivan. “In che senso la Chiesa di Cristo ‘sussiste’ nella Chiesa Cattolica Romana?”. Em *Vaticano II: bilancio e prospettive, venticinque anni dopo* (1962-1987), editado por Rene Latourelle, vol. II, 811-824. Assisi: Citadella, 1988.

⁹⁰ Walter Kasper. “Conferência no 40.º Aniversário da promulgação do decreto conciliar *Unitatis Redintegratio*”, item III. Vaticano. 11 de novembro de 2004, consultado em 22 de abril de 2022. http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/card-kasper-docs/rc_pc_chrstuni_doc_20041111_kasper-ecumenism_po.html

⁹¹ Francisco. “Discurso à delegação ecumênica do patriarcado de Constantinopla”. Vaticano. 27 junho 2015.

⁹² Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. *The Church: Towards a Common Vision. Faith and Order Paper n.º 214 (2013). A Catholic Response*. Vaticano. 2019. Consultado em 15 de janeiro de 2023. <http://www.christianunity.va/content/unitacristiani/it/dialoghi/sezione-occidentale/dialoghi-multilaterali/dialogo/>

sobre expressões como: «novo modo de ser Igreja», considerada inapropriada porque pode mostrar a Igreja como uma construção humana, e não afirma claramente que ela é dom⁹³; «Igreja/igreja» e «comunidades cristãs» ou «comunidades eclesiais», que na eclesiologia católica têm significados distintos, sendo o termo «igreja» aplicado à Igreja católica em comunhão com o bispo de Roma, ou às que mesmo não estando em comunhão com Roma possuem a sucessão apostólica e a Eucaristia válida⁹⁴; e propondo que o documento aprofunde o poder transformador do Evangelho⁹⁵, mostrando que a pregação do Evangelho parte de um encontro pessoal com Cristo⁹⁶. A *resposta* católica questiona a compreensão de que a unidade depende de uma igreja «reconhecer» na outra a uma, santa, católica e apostólica afirmada no credo niceno-constantinopolitano, o que pode acontecer com mudanças na doutrina, na prática e nos ministérios de uma dada igreja⁹⁷. Na perspectiva católica, «o mútuo reconhecimento não é suficiente para alcançar a plena unidade visível», e o documento não deixa claro o que pode e o que não pode ser mudado na igreja, sendo que «numa perspectiva católica algumas coisas estão sujeitas à mudança, e outras não»⁹⁸. A *resposta* reafirma a unidade da igreja na comunhão com o ministério da *episkopé* e o bispo de Roma⁹⁹, e a diferença eclesiológica entre católicos e protestantes sobre o conceito *subsistit* (LG 8), reconhecendo a presença de elementos da Igreja também nas comunidades protestantes (UR 3; UUS 11; 13). Enfim, a *resposta* afirma ser fundamental continuar o diálogo para estabelecer critérios claros para a unidade da Igreja¹⁰⁰.

Como dito, o Papa Francisco estimula esse diálogo: «Espero que o diálogo teológico progrida, promovendo uma nova mentalidade que [...] leve a olhar cada vez mais juntos para o presente e o futuro, sem nos deixarmos

commissione-fede-e-costituzione/2019-risposta-cattolica-a--la-chiesa--verso-una-visione-comune-/en.html

⁹³ Ibid., 14.

⁹⁴ Ibid., 15.

⁹⁵ Ibid., 15.

⁹⁶ Ibid., 15.

⁹⁷ Ibid., 17.

⁹⁸ Ibid., 17, 26.

⁹⁹ Ibid., 29.

¹⁰⁰ Ibid., 19.

aprisionar nos preconceitos de outras épocas»¹⁰¹. Mas não cabe ao papa dar soluções teológicas às questões controversas. Por outro lado, no âmbito pastoral e espiritual, Francisco ajuda a reconhecer a ação amorosa de Deus nas diferentes igrejas: «na base de todas estas formas concretas que as nossas Igrejas assumiram com o tempo, estão sempre a mesma experiência do amor infinito de Deus pela nossa pequenez e fragilidade e a mesma vocação a ser testemunhas deste amor para com todos»¹⁰². A comunidade eclesial legitima-se pela vivência do amor. Nisso Francisco assume a antropologia de João Paulo II ao dizer que todos somos «feitos para o amor», o que exige reconhecer «uma espécie de lei de «êxtase»: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acréscimo de ser» (FT 88). O importante é ver isso através dos elementos objetivos pelos quais as igrejas afirmam sua eclesialidade, como comunidades de amor. Então uma igreja poderia encontrar em outra «um acréscimo de ser» que possibilita o reconhecimento: «vós sois todos irmãos» (Mt 23,8).

Concretamente, o amor precisa de elementos visíveis, como os elementos eclesiais das igrejas. Se esses elementos possibilitam expressar o amor, é porque o Espírito atua através deles.

«Se uma pessoa acredita que o Espírito Santo pode agir no diverso, então procurará deixar-se enriquecer com essa luz, mas acolhê-la-á a partir de dentro das suas próprias convicções e da sua própria identidade. Com efeito, quanto mais profunda, sólida e rica for uma identidade, mais enriquecerá os outros com a sua contribuição específica» (QAm 106).

Assim, na perspectiva conciliar Francisco valoriza a vida cristã dos não-católicos, o que acontece não apenas no nível individual, mas também institucional e de modo eclesiológico objetivo (UR 3). E o critério para compreender a eclesialidade de uma igreja não deve ser outra igreja, mas a qualidade da vivência do Evangelho possibilitada pelo Espírito, o que dá consciência da Igreja de Cristo, fidelidade no discipulado e

¹⁰¹ Francisco. “Discurso à delegação do patriarcado ecumênico de Constantinopla”. Vaticano. 30 de junho de 2022, consultado em 19 de janeiro de 2023. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/june/documents/20220630-patriarcato-costantinopoli.html>

¹⁰² Francisco. “Discurso a uma delegação do patriarcado ecumênico de Constantinopla”. Vaticano. 28 de junho de 2016, consultado em 23 de abril de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160628_patriarcato-ecumenico-costantinopoli.html

crescimento no amor e na santidade de vida. Então não se pode eliminar a possibilidade que a inteligência do dogma eclesiológico católico receba contribuições da inteligência da fé nas outras igrejas. As igrejas não são iguais, mas toda real experiência do Evangelho é eclesial, e onde há verdade existe a ação do Espírito que conduz à Verdade (Jo 16,13).

É conveniente perguntar se a eclesiologia católica não pode hoje ampliar sua compreensão dos elementos institucionais constitutivos das outras igrejas. Considerando que algumas delas já tem 500 anos de existência, tempo suficiente para passar na prova da crise, as diferenças institucionais podem ser ainda hoje realçadas como eixo central da divisão? Considerando que «o tempo é maior que o espaço» (EG, 222-225), não é a posse dos elementos da Igreja de Cristo num espaço institucional e doutrinal o que assegura a identidade eclesial, mas a sua fidelidade e perseverança, ao longo dos séculos, ao Evangelho. E 500 anos de vivência do Evangelho nas igrejas evangélicas não lança luz para uma nova compreensão de sua eclesialidade, vista hoje em grau superior ao afirmado no contexto do Vaticano II? É preciso reconhecer que os frutos do testemunho de fé ao longo desse tempo lhes confere uma maturidade eclesial particular.

Além disso, é importante considerar também a maturidade do diálogo ecumênico, que permitiu progressos no campo eclesiológico e «em muitas questões examinadas, se alcançou uma ampla compreensão comum quanto à natureza e à missão da Igreja»¹⁰³. Mas o Papa observa que em geral «Prestamos tanta atenção ao que nos divide que, às vezes, já não apreciamos nem valorizamos o que nos une» (QAm 108). O desafio ecumênico é o encontro das diferentes compreensões sobre como a Igreja de Cristo se realiza na história. Evidentemente, as outras igrejas não precisam assumir a eclesiologia católica atual, como tampouco a tradição católica precisa assumir as outras eclesiologias em seu conjunto. Mas «Num verdadeiro espírito de diálogo, nutre-se a capacidade de entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma convicção própria» (QAm 108). Então progride-se no diálogo eclesiológico discernindo os carismas do Espírito para a fidelidade ao Evangelho nas diferentes igrejas. E «uma verdadeira novidade suscitada pelo Espírito não precisa fazer sombra sobre outras espiritualidades e dons para se afirmar a si mesma [...] É na comunhão mesmo que fatigante, que um carisma se revela autêntica e misteriosamente fecundo» (EG

¹⁰³ Walter Kasper. *Cosechar los Frutos*, 184, n.º 73.

130). Assim, aconteceria uma recepção realmente ecumênica do Vaticano II e, também, da tradição de igrejas parceiras no diálogo. O desafio é fazer desse processo um instrumento teológico e canônico comum, à luz do testemunho global das Escrituras, que contribua para conciliar unidade na fé com diversidade na sua formulação e vivência nas diferentes igrejas. É provável que ao final desse processo as igrejas descubram que sempre estiveram próximas umas das outras, numa comunhão real e maior do que imaginavam.

5.2. O PRIMADO PETRINO COMO MINISTÉRIO DA COMUNHÃO

Propostas para revisão do exercício do ministério petrino são constantes nas aspirações por reforma na igreja. Desde os tempos de Constantino (séc. IV) a autoridade da igreja universal vem se concentrando em Roma. Sugestões são dadas para mudar tal fato, tanto por teólogos católicos¹⁰⁴, como de outras igrejas¹⁰⁵, mas o histórico engessamento do poder no papado não possibilitou acolher tais propostas. Walter Kasper afirma:

«Aquilo que agora falta é uma integração, não só eclesiológica, mas também cristológica e teológica num sentido lato, um novo modo de interpretar, à luz do dado evangélico, seja teologicamente seja praticamente, o ministério petrino. De fato [...] (ao interpretar) a doutrina da igreja (sobre esse ministério) [...] não se devem, contudo, desconhecer as carências a ela latentes: todo o seu modo de pensar e de se exprimir não se inspira na autoridade entendida biblicamente do discípulo, apóstolo e pastor, mas no modelo “profano” da *suprema auctoritas*»¹⁰⁶.

¹⁰⁴ Cf. Yves Congar. *O Papado*. São Paulo: Loyola, 1997, 25. Mais recentemente, H. Küng escreveu ao Papa Francisco: “um apelo urgente ao Papa Francisco para permitir uma discussão aberta e imparcial a respeito da infalibilidade do papa e dos bispos”. Revista IHU Online. “Infalibilidade. O apelo de Hans Küng ao Papa Francisco”. IHU-Unisinos. 15 de março de 2016, consultado em 22 de abril de 2022. <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/552445-infalibilidade-o-apelo-de-hans-kueng-ao-papa-francisco>

¹⁰⁵ Hans Fries e Karl Rahner. *La unión de las Iglesias. Una posibilidad real*. Madrid: Herder, 1987.

¹⁰⁶ Walter Kasper. “Ciò che permane e ciò che muta nel ministero petrino”. *Concilium* 8 (1975): 55.

O Papa Francisco mostra uma disposição ativa para reformas no exercício do seu ministério: «Dado que sou chamado a viver aquilo que peço aos outros, devo pensar também numa conversão do papado» (EG 32). E as sinaliza no contexto das reformas nas «estruturas centrais da Igreja universal» (EG 32). Alguns sugerem que o Papa tome suas decisões no âmbito de um consistório; conceda às conferências episcopais o direito de apresentar questões na ordem do dia do sínodo dos bispos, com autoridade de decisão neste sínodo em algumas circunstâncias; consulte os bispos antes de tomar decisões importantes; permita que um número qualificado de bispos possa convocar um concílio; permita o recurso à Santa Sé contra uma sentença do romano pontífice¹⁰⁷. Francisco mostra-se aberto ao diálogo sobre tais propostas na dinâmica da igreja em saída e da conversão pastoral: «Compete-me, como Bispo de Roma, permanecer aberto às sugestões tendentes a um exercício do meu ministério que o torne mais fiel ao significado do que Jesus Cristo pretendeu dar-lhe e às necessidades atuais da evangelização. [...] Pouco temos avançado neste sentido» (EG 32). Reformar o ministério do bispo de Roma não é uma questão apenas pessoal ou espiritual, mas também institucional e pastoral. É um tema presente no pontificado de Francisco, o qual exerce a primazia de um modo novo em relação aos seus antecessores em dois principais aspectos: *pessoal*, abandonando formas tradicionalmente utilizadas para a realização do seu ofício, como a frieza intelectual, a rigidez disciplinar e a complexidade da burocracia curial; *institucional*, fortalecendo os princípios da colegialidade e da sinodalidade¹⁰⁸.

Essa disposição para mudanças no próprio ministério cria expectativas tanto dentro da Igreja Católica-romana como no mundo ecumênico¹⁰⁹. Os papas Paulo VI e João Paulo II já eram conscientes que o ministério petrino «constitui uma dificuldade para a maior parte dos outros cristãos» (UUS 88). João Paulo II mostrou a necessidade de rever o exercício

¹⁰⁷ Hervé Legrand. “La comunione sinodale come chiave del rinnovamento del popolo di Dio”. Em *La Riforma e le Riforme nella Chiesa*, 188.

¹⁰⁸ Elias Wolff. “A nudez do Papa Francisco, o Papa”. *Encontros Teológicos* 65, n.º 2 (2013): 145-155.

¹⁰⁹ Massimo Faggioli. “Pope Francis and the changes in the global governance of the Catholic Church”. *Horizonte* 19, n.º 59 (2021): 496-520. Martin Bräuer. “Pope Francis and Ecumenism”. *The Ecumenical Review* 69 (2017): 4-14; Hycinthe Destivelle. “Le Pape Francois et l’unité des chrétiens. Un oecumenisme em chemin”. *Is-tina* 50 (2015) 7-40.

desse ministério, de modo que «se abra a uma nova situação» (UUS 95) favorecendo a unidade cristã. E mostra que tal tarefa não pode ser realizada por uma igreja sozinha, nem mesmo a católico-romana: «O Espírito Santo nos dê a sua luz, e ilumine todos os pastores e os teólogos das nossas Igrejas, para que possamos procurar, evidentemente juntos, as formas mediante as quais este ministério possa realizar um serviço de amor, reconhecido por uns e outros» (UUS 95). O Papa Francisco reforça a necessidade de as igrejas trabalhem juntas para encontrarem uma forma consensual de exercício da autoridade na igreja que sustente e confirme a unidade¹¹⁰.

Para colocar o ministério em uma «nova situação» é preciso considerar a sua essência: confirmar os irmãos na fé (cf. Lc 22,31), mantendo «toda a igreja na unidade da fé e da comunhão» (DH 3051; LG 18; UUS 88). O Vaticano I estabelece as prerrogativas de tal serviço numa primazia de jurisdição ordinária, episcopal, direta, imediata (DH 3059-3060). A questão ecumênica é se os elementos doutrinários e jurídicos do ministério petrino não suplantam a sua razão de ser, como «salvaguarda da catolicidade de cada Igreja local e como um sinal da comunhão de todas as Igrejas»¹¹¹. Esse aspecto do primado é imutável, como «um ministério de supervisão que visa conservar e promover a fidelidade de todas as Igrejas a Cristo e de umas em relação às outras»¹¹². Então é preciso dialogar sobre a sua natureza divina, a jurisdição, a infalibilidade, se aceitá-lo implica em acolher suas definições dogmáticas, e se a sua recusa implica numa deslegitimação da eclesiologia das outras igrejas¹¹³.

A resposta ecumênica se obterá na medida em que exista consenso que o serviço do bispo de Roma à fé de «toda a igreja» pode transcender estruturas e instituições de uma determinada tradição eclesial. Mas isso exige das igrejas disponibilidade para mudanças, e não é o que se observa por ora. Da parte da Igreja católica, exige compreender que «as disposições jurídicas em vigor na Igreja têm sempre, mesmo quando lhes

¹¹⁰ Cf. Francisco. “Celebração ecumênica por ocasião do 50.º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras”.

¹¹¹ Comissão Internacional Católica-Anglicana. “Autorità nella Chiesa – I”. Em *Enchiridion Oecumenicum*, vol. I, n.º 12/77.

¹¹² Elias Wolff. *A Unidade da Igreja – Ensaio de eclesiologia ecumênica*. São Paulo: Paulus, 2007, 107.

¹¹³ Cf. Elias Wolff, *A Unidade da Igreja*, 108-113.

são atribuídas um caráter de *ius divinum*, forma e realização histórica e são, por isso, capazes e necessitadas de renovação e reestruturação»¹¹⁴.

Evidentemente, surgem outras questões sobre o possível reconhecimento de uma autoridade para todo o mundo cristão. Nas possíveis respostas, é importante observar que não está em questão o ministério petrino tal como os Evangelhos apresentam na relação de Cristo com Pedro (Mt 16,18; Jo 22,31-32). O que se questiona é *o modo* e *o sujeito* desse ministério¹¹⁵. O Papa Francisco favorece esse diálogo situando o exercício do primado no espírito da colegialidade e da sinodalidade, superando a tendência do *papa solus* na história do catolicismo e considerando que nenhuma igreja sozinha é plenamente igreja. Para Francisco, colegialidade, primado e sinodalidade se exigem mutuamente, priorizando a finalidade de serviço intrínseca ao poder. Em seu pontificado, as igrejas poderiam deixar de temer um «uso ilegítimo e incontrolado»¹¹⁶ da jurisdição. Não se nega que a preservação da verdade por vezes exige uma tomada de decisão sobre aspectos essenciais da doutrina e que «a Igreja tem a autoridade de ensinar»¹¹⁷, sob a assistência do Espírito prometido por Cristo (DH 3074; LG 25). Mas fica claro que tal autoridade não cancela a «soberania de Cristo sobre a igreja e a liberdade do Espírito Santo»¹¹⁸. Além disso, seria necessário encontrar um modo de mostrar que «essa forma de ensinamento autorizado não tem garantia mais forte do que a que tem as definições solenes de concílios ecumênicos»¹¹⁹.

O desafio para a superação das divergências sobre um primado de jurisdição na Igreja é exercê-lo

¹¹⁴ Comissão Internacional Católica-Luterana. “Chiesa e giustificazione”. Em *Enchiridion Oecumenicum*, vol. III, n.º 227/1457.

¹¹⁵ Cf. Dimitrios Salachas. “El diálogo teológico entre las Iglesias Católica y Ortodoxa: Primado y sinodalidad. Aproximaciones comunes y divergências”. *Diálogo Ecuménico* 54, n.º 168 (2019): 59-60.

¹¹⁶ Comissão Internacional Católica-Anglicana. “Autorità nella chiesa I” n.º 24, letra d/92.

¹¹⁷ Comissão Internacional Católica-Methodista. “Rapporto di Honolulu” (1981). Em *Enchiridion Oecumenicum*, vol. I, n.º 34/2156. Cf. Comissão Internacional Católica-Luterana. “Chiesa e giustificazione”, n.º 205s/1435s.

¹¹⁸ Comissão Internacional Católica-Reformada. “La presenza de Cristo nella Chiesa e nel mondo”. Em *Enchiridion Oecumenicum*, vol. I, n.º 39/2354 y 42/2357.

¹¹⁹ Comissão Internacional Católica-Anglicana. “Autorità nella Chiesa - III”. Em *Enchiridion Oecumenicum*, vol. VII, organizado por Giovanni Cereti y James F. Puglisi, n.º 47/52. Bologna: EDB, 2006.

«ajudando as igrejas a se escutarem umas às outras, a crescerem no amor e na unidade [...] isso respeita e favorece a liberdade [...] não busca uniformidade nas coisas nas quais a diversidade é legítima, nem centraliza a administração em prejuízo das Igrejas locais»¹²⁰.

É de se esperar que nessa direção prossigam as propostas que o Papa Francisco faz de reformas na igreja, afirmando a sinodalidade como seu *modus essendi et operandi* e fortalecendo sua vivência ecumênica. Ele não tratou, ainda, em profundidade sobre questões doutrinárias e canônicas do papado com vistas a favorecer o ecumenismo, ainda que mantenha e impulse o diálogo sobre o primado do Sucessor de Pedro com a Igreja mais próxima, como é a Ortodoxa Bizantina. Mas o Papa manifesta essa sensibilidade no contexto de todo o seu magistério, e isso impulsiona o diálogo teológico sobre o primado como «um serviço de amor, reconhecido por uns e outros».

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O incentivo que o Papa Francisco dá para o ecumenismo acontece, primeiramente, criando um clima favorável no qual as diferentes igrejas possam conviver harmonicamente. Isso se manifesta, por exemplo, em seu estilo, atitudes e linguagem, favorecendo um ecumenismo existencial e prático pela «cultura do encontro» e do diálogo. Assim, o Francisco impulsiona a «igreja em saída» para relações com outras igrejas e as convoca para ações conjuntas, sobretudo no âmbito socioambiental. Desenvolve, assim, um ecumenismo em sentido amplo, envolvendo os povos, suas culturas e religiões no cuidado da Casa Comum, na promoção da fraternidade humana universal e no Pacto Educativo Global.

O pontificado de Francisco contribui também para o ecumenismo em sentido estrito, como unidade cristã, por uma nova recepção do Vaticano II, no qual o ecumenismo é intrínseco à compreensão da identidade, natureza e missão da igreja. No revigoramento conciliar, praticamente tudo o que Francisco propõe para a igreja tem alguma implicação ecumênica. É o que constatamos na proposta de uma «igreja em saída»; da «conversão pastoral»; nas reformas estruturais da igreja; no sínodo

¹²⁰ Comissão Internacional Católica-Anglicana. “Autorità nella Chiesa I”, n.º 21/86.

sobre a sinodalidade, entre outros. Isso é acompanhado por um redimensionamento teológico e eclesiológico que possibilitam a compreensão de uma relação identitária entre igreja e ecumenismo. Não obstante o fato de o Papa Francisco não ter tratado diretamente, até agora, de elementos doutrinários que formam o *status quaestionis* da divisão cristã, como a doutrina conciliar do *subsistit* (LG 8), dos *elementa ecclesiae* (UR 3) e do primado, o ecumenismo em seu magistério tem grande relevância teológica. Ele possibilita uma nova situação eclesial, mais favorável para o ecumenismo se o comparamos com pontificados recentes, o que estimula para que a teologia e as comissões das igrejas aprofundem o diálogo em vista da unidade. Assim, o revigoramento da recepção do Vaticano II e as iniciativas ecumênicas de Francisco, no conjunto do seu magistério, podem ter desdobramentos positivos que ampliam o lugar teológico no qual diferentes igrejas possam se reconhecer mutuamente na profissão da mesma fé e no testemunho do mesmo Evangelho, «para que o mundo creia» (Jo 17,21).

AGRADECIMIENTO

Apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, por meio da concessão de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Altmann, Walter. “Implicações ecumênicas da reforma da cúria”. *Concilium* 5 (2013): 133-142.
- Bento XVI. “Discurso por ocasião da visita de S. G. Rowan Williams, Arcebispo de Canterbury”. Vaticano. 23 de novembro de 2006. Consultado em 04 de maio de 2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061123_archbishop-canterbury.html
- Boff, Leonardo. *Igreja, Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- Burigana, Ricardo. *Um cuore solo. Papa Francesco e unità della Chiesa*. Milano: Edizioni Terra Santa, 2014.

- Bräuer, Martin. "Pope Francis and Ecumenism". *The Ecumenical Review* 69 (2017): 4-14. <https://doi.org/10.1111/erev.12261>
- Brighenti, Agenor, y Francisco Merlos Arroyo. *O Concílio Vaticano II: Batalha perdida ou esperança renovada?* São Paulo: Paulinas, 2014.
- Certeau, Michael de. *A invenção do cotidiano - 1. Artes de fazer*. 21.^a ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- Certeau, Michael de. *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- Cipriani, Gabriele. "Da fraternidade à comunhão: o ecumenismo do Papa Francisco". *Caminhos de Diálogo* 6, n.º 8 (2018): 8-18. <https://doi.org/10.7213/cd.a6n8p8-18>
- Código de Direito Canônico*. 23.^a ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- Comissão Igreja Católica-Conselho Mundial de Igrejas. "La nozione di «gerarchia delle verità»: un'interpretazione ecumenica". Em *Enchiridion Oecumenicum*, organizado por Giovanni Cereti e Server J. Voicu, vol. III, 419-432. Bolonha: EDB, 1995.
- Comissão Internacional Católica-Anglicana. "Autorità nella Chiesa - I". Em *Enchiridion Oecumenicum*, organizado por Giovanni Cereti e Server J. Voicu, vol. VII, 42-68. Bologna: EDB, 1994.
- Comissão Internacional Católica-Anglicana. "Autorità nella Chiesa - III". Em *Enchiridion Oecumenicum*, organizado por Giovanni Cereti e James F. Puglisi, vol. VII, 3-91. Bologna: EDB, 2006.
- Comissão Internacional Católica-Luterana. "Chiesa e giustificazione". Em *Enchiridion Oecumenicum*, organizado por Giovanni Cereti e Server J. Voicu, vol. III, 551-696. Bolonha: EDB, 1995.
- Comissão Internacional Católica-Luterana. "Il vangelo e la chiesa". Em *Enchiridion Oecumenicum*, organizado por Giovanni Cereti e Server J. Voicu, vol. I, 554-588. Bolonha: EDB, 1994.
- Comissão Internacional Católica-Methodista, "Rapporto di Honolulu" (1981). Em *Enchiridion Oecumenicum*, organizado por Giovanni Cereti e Server J. Voicu, vol. I, 992-1021. Bolonha: EDB, 1994.
- Comissão Internacional Católica-Reformada. "La presenza de Cristo nella Chiesa e nel mondo". Em *Enchiridion Oecumenicum*, organizado por Giovanni Cereti e Server J. Voicu, vol. I, 1093-1144. Bologna: EDB, 1994.
- Comissão para a doutrina da fé. "Respostas a questões relativas a alguns aspectos da doutrina sobre a igreja". Vaticano. 29 de junho de 2007. Consultado em 02 de maio de 2022. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20070629_responsa-quaestiones_po.html

- Comissão Teológica Internacional. *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- Comissão Mista Internacional para o Diálogo entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa. “Documento de Ravenna”. Vaticano. 13 de outubro de 2007. Consultado em 18 de janeiro de 2023. <http://www.christianity.va/content/unitacristiani/it/dialoghi/sezione-orientale/chiese-ortodosse-di-tradizione-bizantina/commissione-mista-internazionale-per-il-dialogo-teologico-tra-la/documenti-di-dialogo/2007-documento-di-ravenna.html>
- Comissão Mista Internacional para o Diálogo Teológico entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa. “Documento di Chieti”. Vaticano. 21 de setembro de 2016. Consultado em 18 de janeiro de 2023. <http://www.christianity.va/content/unitacristiani/it/dialoghi/sezione-orientale/chiese-ortodosse-di-tradizione-bizantina/commissione-mista-internazionale-per-il-dialogo-teologico-tra-la/documenti-di-dialogo/2016-sinodalita-e-primato-nel-primo-millennio-verso-una-comune-.html>
- Confissão de Augsburg*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- Congar, Yves. *O Papado*. São Paulo: Loyola, 1997.
- Congregação para a Doutrina da Fé. “Declaração *Mysterium Ecclesiae*”. Vaticano. 24 de junho de 1973. Consultado em 05 de maio de 2022. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19730705_mysterium-ecclesiae_po.html
- Congregação para a Doutrina da Fé. “Notificação sobre o livro ‘Igreja: carisma e poder. Ensaio de eclesiologia militante’ de Frei Leonardo Boff, o.f.m”. Vaticano. 11 de março de 1985. Consultado em 02 de maio de 2022. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19850311_notif-boff_po.html
- Congregação para a Doutrina da Fé. “Communio notio”. *Serviço de Documentação - SEDOC* 25 (1992): 362-272.
- Congregação para a Doutrina da Fé. Declaração *Dominus Iesus – Sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- Conselho Mundial de Igrejas. “III Assemblea. Gesù Cristo, Luce del Mondo - Rapporti delle sezioni”. Terceira Sessão. Em *Enchiridion Oecumenicum*, organizado por Stefano Rosso e Emilia Turco, vol. V, 210-271. Bologna: EDB, 2001.
- Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos. *Diretório para a Aplicação dos Princípios e Normas sobre o Ecumenismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

- Cullman, Oscar. *Unity through Diversity*. Minneapolis: Fortress Press, 1988.
- Destivelle, Hycinthe. “Le Pape Francois et l’unité des chrétiens. Un oecumenisme em chemin”. *Istina* 50 (2015): 7-40.
- Faggioli, Massimo. “Pope Francis and the Changes in the Global Governance of the Catholic Church”. *Horizonte* 19, n.º 59 (2021): 496-520.
- Famerée, Joseph. “Scambio di doni: Chiesa cattolica e Chiese orientali. Per um consenso differenziato”. Em *La Riforma e le Riforme nella Chiesa*, organizado por Antonio Spadaro e Carlos Maria Galli, 408-421. Brescia: Queriniana, 2016.
- Faith and Order. *A Treasure in Earthen Vessels. An Instrument for an Ecumenical Reflection on Hermeneutics*. Bialystok/Poland: Orthruk Orthodox Printing House, 1998.
- Fé e Constituição. *A Igreja. Uma visão ecumênica*. São Paulo: ASTE, 2015.
- Francisco, e Bartolomeu I. “Declaração Conjunta”. Vaticano. 25 de maio de 2014. Consultado em 15 de janeiro de 2023. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-dichiarazione-congiunta.html
- Francisco, e Justin Welby. “Declaração Conjunta Católica-Anglicana”. Vaticano. 05 de outubro de 2016. Consultado em 30 de abril de 2022. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161005_vespri-canterbury.html
- Francisco, e Karekin II. “Declaração comum de Sua Santidade Francisco e de Sua Santidade Karekin II”. Vaticano. 26 de junho de 2016. Consultado em 14 de janeiro de 2023. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160626_armenia-dichiarazione-congiunta.html
- Francisco, e Munib Yunan. “Declaração conjunta por ocasião da comemoração conjunta católico-luterana da Reforma”. Vaticano. 31 de outubro de 2016. Consultado em 10 maio 2022. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2016/10/31/0783/01757.html#ports>
- Francisco, e Patriarca Kiril. “Declaração conjunta com Sua Santidad Kiril, Patriarca de Moscou e de todas as Russias”. Vaticano. 12 de fevereiro de 2016. Consultado em 10 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2016/february/documents/papa-francesco_20160212_dichiarazione-comune-kirill.html
- Francisco. “Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo”. Vaticano. 12 de setembro de 2019. Consultado em 12 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html

- Francisco. “Carta Apostólica sob forma de ‘motu proprio’ *Spiritus Domini*”. Vaticano. 10 de janeiro de 2021. Consultado em 30 de abril de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210110_spiritus-domini.html
- Francisco. “Carta Apostólica sob forma de «motu proprio» *Traditionis custodes*”. Vaticano. 16 de julho de 2021. Consultado em 25 de abril de 2022. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/07/16/0469/01014.html>
- Francisco. “Celebração ecumênica por ocasião do 50.º aniversário do encontro em Jerusalém entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras”. Vaticano. 25 de maio de 2014. Consultado em 28 de abril de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140525_terra-santa-celebrazione-ecumenica.html
- Francisco. “Constituição Apostólica *Praedicate Evangelium* sobre a Cúria Romana e o seu serviço à Igreja e ao Mundo”. Vaticano. 19 de março de 2022. Consultado em 04 de maio de 2022. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2022/03/19/0189/00404.html>
- Francisco. “Discurso à delegação do patriarcado ecumênico de Constantinopla”. Vaticano. 28 de junho de 2013. Consultado em 14 de janeiro de 2023. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/june/documents/papa-francesco_20130628_patriarcato-ecumenico-constantinopoli.html
- Francisco. “Discurso à delegação do patriarcado ecumênico de Constantinopla”. Vaticano 30 de junho de 2022. Consultado em 19 de janeiro de 2023. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/june/documents/20220630-patriarcato-costantinopoli.html>
- Francisco. “Discurso à delegação Ecumênica da Finlândia”. Vaticano. 17 de janeiro de 2022. Consultado em 20 de abril de 2022. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/january/documents/20220117-chiesaluterana-finlandia.html>
- Francisco. “Discurso à delegação ecumênica do patriarcado de Constantinopla”. Vaticano. 27 de junho de 2015. Consultado em 18 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/june/documents/papa-francesco_20150627_patriarcato-costantinopoli.html
- Francisco. “Discurso à Sua Santidade Karekin II, Patriarca Supremo e Catholicos de todos os Armênios”. Vaticano. 8 de maio de 2014. Consultado em 17 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140508_patriarca-armeni.pdf

- Francisco. “Discurso a uma delegação do patriarcado ecumênico de Constantinopla”. Vaticano. 28 de junho de 2016. Consultado em 23 de abril de 2022. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/june/documents/papa-francesco_20160628_patriarcato-ecumenico-costantinopoli.html
- Francisco. “Discurso aos Primazes das províncias anglicanas que acompanham o Arcebispo de Canterbury”. Vaticano. 6 de outubro de 2016. Consultado em 08 de maio de 2022. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/october/documents/papa-francesco_20161006_primati-provincie-anglicane.html
- Francisco. “Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos”. Vaticano. 17 de outubro de 2015. Consultado em 25 de abril de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html
- Francisco. “Discurso na Plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos”. Vaticano. 10 de novembro de 2016. Consultado em 01 de maio de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161110_plenaria-unita-cristiani.html
- Francisco. “Discurso na Visita ao Templo Valdense, Visita Pastoral a Turin”. Vaticano. 22 de julho de 2015. Consultado em 10 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2015/june/documents/papa-francesco_20150622_torino-chiesa-valdese.html
- Francisco. “Discurso por ocasião do 70.º aniversário da fundação do Conselho Mundial de Igrejas”. Vaticano. 21 de julho de 2018. Consultado em 12 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180621_pellegrinaggio-ginevra.html
- Francisco. “Encontro com a Cúria Romana na apresentação de votos natalícios”. Vaticano. 22 de dezembro de 2016. Consultado em 04 de maio de 2022. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/documents/papa-francesco_20161222_curia-romana.html
- Francisco. “Encontro com os cardeais e colaboradores da Cúria Romana para a troca de votos de Bom Natal”. Vaticano. 22 de dezembro de 2014. Consultado em 04 de maio de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html

- Francisco. “Encontro com representante das igrejas, das comunidades eclesiais e de outras religiões”. Vaticano. 20 de março de 2013. Consultado em 11 maio 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni.html
- Francisco. “Homilia na celebração do 60.º aniversário da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II”. Vaticano. 11 de outubro de 2022. Consultado em 15 de janeiro de 2023. <https://www.vatican.va/content/francesco/es/homilies/2022/documents/20221011-omelia-60concilio.html>
- Francisco. “Homilia na Oração Ecumênica Conjunta na Catedral Luterana de Lund”. Vaticano. 31 de outubro de 2016. Consultado em 10 de janeiro de 2023. http://w2.vatican.va/content/francesco/es/homilies/2016/documents/papa-francesco_20161031_omelia-svezia-lund.html
- Francisco. “Prefácio”. Em *Juan XXIII. Il Vaticano II: un concilio per il mondo*, Ettore Malnati y Marco Roncalli. Azzano San Paolo (BG): Bolis Edizioni, 2022.
- Francisco. “Quirógrafo do Papa Francisco para a instituição de um Conselho de Cardeais para ajudar o santo padre no governo da Igreja Universal e para a revisão da constituição apostólica *Pastor Bonus* sobre a Cúria romana”. Vaticano. 28 setembro 2013. Consulta 02 maio 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2013/documents/papa-francesco_20130928_chirografo-consiglio-cardinali.html
- Francisco. “Visita privada ao pastor evangélico Giovanni Traettino da Igreja Pentecostal da Reconciliação”. Vaticano. 28 de julho de 2014. Consultado em 10 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2014/july/documents/papa-francesco_20140728_caserta-pastore-traettino.html
- Francisco. “Discurso ao Patriarca de Alexandria, Sua Santidade Tawadros II, e Patriarca da Sede de São Marcos”. Vaticano. 10 de maio de 2014. Consultado em 03 de maio de 2022. http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130510_tawadros.html
- Fries, Hans e Karl Rahner. *La unión de las Iglesias. Una posibilidad real*. Madrid: Herder, 1987.
- Izquierdo, César. “La ‘jerarquía de verdades’: su recepción en el ecumenismo y en la teología”. *Scripta Theologica* 44 (2012): 433-461. <https://doi.org/10.15581/006.44.1304>

- Mauti, Ricardo Miguel. “El ecumenismo de la caridad como aporte a la unidad de la familia humana (EG 245). Algunos criterios inspiradores de Francisco”. *Theologica Xaveriana* 72 (2022): 1-24. <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx72.ecaufh>
- Mucci, Giandomenico. “Continuità e discontinuità del Vaticano II”. *La Civiltà cattolica* 161, n.º 3834 (2010): 579-584.
- Narcisse, Gilbert. “Interpréter la tradition selon Vatican II: rupture ou continuité?”. *Revue thomiste* 110 (2010): 373-382.
- João XXIII. “Discurso na abertura solene do concílio”. Em *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*, Concílio Vaticano II, 4.ª ed., 21-32. São Paulo: Paulus, 2007.
- Kasper, Walter. “Conferência no 40.º Aniversário da promulgação do decreto conciliar *Unitatis Redintegratio*”. Vaticano. 11 de novembro de 2004.
- Kasper, Walter. *Cosechar los frutos. Aspectos básicos de la fe cristiana en el diálogo ecuménico*. Santander: Sal Terrae, 2010.
- Kasper, Walter. “Ciò che permane e ciò chem uta nel minister petrino”. *Concilium* 8 (1975): 43-58.
- Küng, Hans. “Infalibilidade. O apelo de Hans Küng ao Papa Francisco”. *Revista IHU Online*. Unisinos. 15 de março de 2016. Consultado em 22 de abril de 2022. <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/552445-infalibilidade-o-apelo-de-hans-kueng-ao-papa-francisco>
- Legrand, Hervé. “La comunione sinodale come chiave del rinnovamento del popolo di Dio”. Em *La Riforma e le Riforme nella Chiesa*, editado por Antonio Spadaro, e Carlo M. Galli, 159-188. Brescia: Queriniana, 2016.
- Madrigal Terrazas, Santiago. *“L’unità prevale sul conflitto” – L’ecumenismo di Papa Francesco*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2017.
- Madrigal Terrazas, Santiago. *Karl Rahner y Joseph Ratzinger. Tras las huellas del concilio*. Santander: Sal Terrae, 2006.
- Mancuso, Vito. “A infalibilidade com prazo de validade. Artigo de Vito Mancuso”. *IHU-Online*. 16 de fevereiro de 2013. Consultado em 27 de abril de 2022. <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/517641-a-infalibilidade-com-prazo-de-validade-artigo-de-vito-mancuso>
- Martínez Gordo, Jesús. *La conversión del papado y la reforma de la curia romana. Cambio de rumbo*. Madrid: PPC, 2014.
- Méndez Fernández, Benito. “La sinodalidad en perspectiva ecuménica”. *Salmanticensis* 68 (2021): 265-300. <https://doi.org/10.36576/summa.141131>

- Mikulášek, Josef. “«I dream of a church ...»: Certain principles from Pope Francis on the development of the Church”. *AUC Theologica* 19, n.º 1 (2019): 63-81. <https://doi.org/10.14712/23363398.2019.6>
- Murray, Paul D., ed. *Receptive Ecumenism and the Call to Catholic learning: Exploring a Way for Contemporary Ecumenism*. Oxford: University Press, 2008. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199216451.001.0001>
- Ormerod, Neil. “Vatican II - continuity or discontinuity?: toward an ontology of meaning”. *Theological studies* 71 (2010): 609-636. <https://doi.org/10.1177/004056391007100305>
- Palacio, Carlos. *Deslocamentos da teologia, mutações do cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2001.
- Salachas, Dimitrios. “El diálogo teológico entre las Iglesias católica y ortodoxa: Primado y sinodalidad. Aproximaciones comunes y divergencias”. *Diálogo Ecuménico*. 54, n.º 168 (2019): 51-75. <https://doi.org/10.36576/summa.133123>
- Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. “Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão. *Vademecum* para o Sínodo sobre a Sinodalidade”. Vaticano. 07 de setembro de 2012. Consultado em 12 de janeiro de 2023. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0541/01166.html>
- Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. “Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação, Missão – Documento Preparatório”. 24 de dezembro de 2021. Consultado em 15 de janeiro de 2023. https://www.synod.va/content/dam/synod/common/preparatory-document/word_pdf/pt_prepa_sp.pdf
- Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos. “Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação, Missão - *Vademecum* para o Sínodo sobre a Sinodalidade”. Vaticano. 24 de dezembro de 2021. Consultado em 15 de janeiro de 2023. https://www.synod.va/content/dam/synod/common/vademecum/pt_vade.pdf
- Sullivan, Francis A. “In che senso la Chiesa di Cristo ‘sussiste’ nella Chiesa Cattolica Romana?”. Em *Vaticano II: bilancio e prospettive, venticinque anni dopo (1962-1987)*, editado por Rene Latourelle, vol. II, 811-824. Assisi: Cittadella, 1988.
- Vatican News. “Irmã Becquart e padre Marín de San Martín subsecretários do Sínodo dos Bispos”. Vaticano. 06 de fevereiro de 2021. Consultado em 10 de maio de 2022. <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-02/nomeacoes-papa-francisco-subsecretarios-sinodo-bispos.html>

Wolff, Elias. "Igrejas e ecumenismo: uma relação identitária". *Estudos Teológicos* 45, n.º 2 (2005): 18-30.

Wolff, Elias. *A unidade da Igreja – Ensaio de ecclesiology ecumênica*. São Paulo: Paulus, 2007.

Wolff, Elias. "A nudez de Francisco, o Papa". *Encontros Teológicos* 65, n.º 2 (2013): 145-155.